

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO

NATHALIA GOMES LISBOA

**O CUIDADO DE SI E A DOCÊNCIA EM TEATRO:
ENTRE PARALELOS E INQUIETAÇÕES**

PORTO ALEGRE
2018

NATHALIA GOMES LISBOA

**O CUIDADO DE SI E A DOCÊNCIA EM TEATRO:
ENTRE PARALELOS E INQUIETAÇÕES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos.

Porto alegre
2018

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Rogéria, que enfrentou comigo todos os contratemplos, e que sem a nossa força juntas nada seria possível.

Aos meus amigos e amigas que enfrentaram todas as minhas dramatizações, escutaram todas as histórias possíveis, e que compartilharam momentos que me transformaram: Clarissa, Betina, Carina, Rech, Bruna, Daniela, Rafaella, Débora, Victória, Liu, Thaís, Pedro, Giovanna, Bianca, Laura, Cimirro, Marina, Julia, Rená, Letícia, Elisa, Mayara, Renata, Gilvana, Bruna Castra, Luciana, Giordano, Miguel, Savana, Priscila, Naomi, Ana, Saulo, Fernanda, Naiany, Thaini, Jess, Phillipe e em especial à Ramone e João que enfrentaram altos e baixos e que sem eles eu não seria eu.

À minha amiga May Cyrne, que está comigo, durante todo esse processo em pensamento.

À minha amiga Íris, sapatão resistência, por emprestar a câmera e me ajudar durante o processo.

Às minhas companheiras de licenciatura e inspiração, Mayura Matos, Manuela Miranda, Bruna Klein, Flávia Reckziegel, Carolina Vetori, Pâmela Bratz, Henrique Gonçalves, Guilherme Ferreira, Rodrigo Zigomático, Pedro Bertoldi (que apesar de não ser licenciatura, vale a inspiração).

À nossa chapa do Centro Acadêmico Dionísio: Paloma, Giovanna, Lucas, Karen, Esly, Ana, Duda e minha namorada Railin.

A todo pessoal de resistência do Ocupa IA e do Resiste DAD que compartilhamos tantos momentos e afetos.

À minha companheira de casa, Larissa Foppa, e de peripécias da vizinhança, sem ela eu não conseguiria fazer metade deste TCC.

A todas as colegas do DAD que fizeram parte importante dessa formação.

À professora Graça Nunes, por me incentivar a entrar no DAD, e ao João Pedro Madureira pelo incentivo à minha arte.

Aos meus professores do DAD, em especial Cláudia Sachs por todo o apoio, não só como professora, mas como amiga.

Aos técnicos do IA que tanto recebi apoio e carinho, especial a Magda e Patrícia, em que pude compartilhar a comissão de regimento do IA.

Aos terceirizados, por todo o carinho durante a ocupação, e a todos que passaram pelo DAD e IA, sem vocês a UFRGS não funcionaria.

À minha orientadora, prof^a Dr^a Adriana Jorge Lopes Machado Ramos, pelos incansáveis incentivos e apoio, a minha eterna admiração.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso realizou entrevistas sobre o cuidado de si na docência em teatro com professoras e professores que influenciaram a minha trajetória como estudante de licenciatura em teatro no departamento de arte dramática da universidade federal do rio grande do sul. A fundamentação teórica foi embasada em autores sobre psicologia, pedagogia teatral, educação, filosofia, tais como: Michel Foucault, Gilberto Icle, Julio Groppa Aquino, Maria Lucia de Souza Barros Pupo, Jean Claude Kauffman.

Palavras chaves: teatro, cuidado de si, docência, Michel Foucault.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1	10
Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.....	11
Capítulo 2	18
Metodologia utilizada nas entrevistas.....	19
Capítulo 3.....	23
O cuidado de si na docência em teatro.....	24
Considerações Finais	42
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO	47

OBJETIVOS

1. Apresentar um breve memorial sobre a autora na sua trajetória acadêmica;
2. Contextualizar a metodologia de Jean Claude Kauffman, no que esta serviu às entrevistas deste trabalho;
3. Analisar os fragmentos selecionados das entrevistas a partir do conceito de cuidado de si de Michel Foucault;

INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso faço uma análise aos fragmentos selecionados das entrevistas realizadas aos docentes de teatro do departamento de arte dramática (DAD), analisando e problematizando sobre o conceito do cuidado de si de Michel Foucault.

No primeiro capítulo contém a trajetória da autora dentro do DAD, caracterizando-se um capítulo autobiográfico sobre o seu envolvimento com a instituição, na qual resultou a realização deste trabalho.

No segundo capítulo a autora apresenta a metodologia de Jean Claude Kauffman que utilizou nas entrevistas realizadas com os docentes do DAD, e como decorreram as mesmas.

No terceiro capítulo a autora analisa o conceito do cuidado de si de Michel Foucault com a docência em teatro, mais especificamente sobre o docente. E a partir dos fragmentos selecionados das entrevistas foram realizada uma linha de raciocínio que transcorre o cuidado de si do docente em teatro.

Ao fim, temos as considerações finais, que mesclam entre autobiografia e relatos vistos e vivenciados da autora com os docentes do departamento de arte dramática.

Capítulo 1

eu escrevo texto de igual forma a que
aranha tece a teia, de igual forma a que
minha vó fazia os caminhos de mesa na agulha,
de igual forma a que
um rio segue seu curso:
somos remendeiros de destinos,
histórias e amores infindados.
Zainne Lima

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim

Eu começo esse trabalho de conclusão de curso relatando os tantos atravessamentos que constituíram a minha formação, e que de fato chegaram ao ponto do cuidado de si. Tais atravessamentos foram parte importante para a análise e para o contexto deste TCC. Ainda declaro que sem esse passado nada disso seria concreto, e nada disso seria parte de um cuidado de mim.

Voltamos para o ano de 2016, recorte em porto alegre, onde teve a consolidação da ocupação Lanceiros Negros que realizou uma forte mobilização pelo direito e garantia da moradia popular, com o Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas (MLB), ao mesmo tempo em que o país estava no começo de sua crise política: governos estaduais de direita ameaçavam as escolas públicas e o governo nacional de direita ameaçava as verbas públicas e seus ministérios.

No primeiro semestre de 2016, grandes números de escolas estaduais de Porto Alegre começaram a sua movimentação de ocupação, os secundaristas ocuparam seu lugar de luta. Reivindicavam a PL 44 e também as discussões sobre o projeto escola sem partido, além de ser uma luta sobre a falta de verbas encaminhadas para as escolas e a falta de pagamento do salário de seus professores.

Ao mesmo tempo, na situação nacional, o IPHAN-Porto Alegre estava sendo ocupado em protesto ao fechamento do Ministério da Cultura. Ambas as situações fizeram do curso de teatro, do Departamento de Arte Dramática (DAD) do Instituto de Artes (IA) da UFRGS, a realizar paralisações ou a reformular suas aulas.

Assembleias gerais foram convocadas, encaminhamentos feitos, grupos de lutas criados, e no dia 30 de maio de 2016 houve a paralisação do prédio do DAD. Ocupamos as ruas, pintamos, escrevemos em faixas expostas pelo prédio, realizamos um manifesto, filmamos (*vídeos encontrados no canal do youtube: ResisteDAD*) e no mesmo dia uma comissão formada por mulheres performaram contra a cultura do estupro, relatando o triste fato de uma garota no Rio de Janeiro sofrer um estupro coletivo, que polarizou e horrorizou o país com dados como: a cada 11 minutos uma mulher sofre um estupro.

Toda essa movimentação foi tomando parte da minha formação e do meu pensamento sobre a estrutura curricular de ensino e projeto pedagógico, do

meu entendimento como estudante de licenciatura em teatro, e também admiradora das professoras e professores do meu curso. Com tudo isso, começaram a realizar aulas nas ocupações e sobre as ocupações das escolas, do IPHAN, da Lanceiros Negros.

Aulas explicando a situação política atual, assembleias que tinham caráter tão importante quanto às aulas formais, a realização de aulas abertas que trouxe a oportunidade de conhecer a realidade da universidade, e também de fora dela, instigando e pulverizando a pluralidade de saberes.

Aulas que proporcionaram o encontro com minha orientadora, que realizamos a comunicação não violenta, que conhecemos a comunidade indígena da UFRGS, foram essas aulas que fizeram repensar o tipo de aula que quero dar, que docente de teatro gostaria de me tornar. E o quanto isso está atrelado ao meu ser.

No segundo semestre de 2016, com o efetivo afastamento da Presidenta eleita e as medidas antidemocráticas do novo governo, culminaram nas ocupações das universidades do país inteiro. No dia 03 de novembro de 2016, na assembleia geral do Instituto de Artes, foi declarada a ocupação do prédio.

A convivência massiva na ocupação, além de ser um enfrentamento contra o governo, se tornou uma aula diária do funcionamento burocrático das instituições públicas e das hierarquias institucionais. Quando a ocupação, como luta nacional, acabou perdendo pelos votos a favor no congresso às medidas em que tanto refutamos como a PEC 55 e a Reforma do Ensino Médio, encontrou-se outra luta, a luta dentro da própria instituição, uma luta que reconheceu que a burocracia também é um espaço a ser ocupado, e que os postos hierárquicos e as posturas autoritárias precisam ser questionados e ou mudadas (*vídeos sobre encontrados na página do youtube: Ocupa IA UFRGS*).

Entendemos a importância de unir na luta com os técnicos administrativos e os terceirizados para uma universidade mais plural e democratizada. Que abria o diálogo entre todas as instâncias que circulavam e vivenciavam a universidade. Foi contra um governo que percebemos os espelhos das atitudes autoritárias, e de confrontação de privilégios instaurados historicamente.

Na ocupação que pudemos ver de perto os resquícios de uma educação industrial, patriarcal, racista, lgbtfóbica e elitista. Que fortemente prejudicava os trabalhadores e trabalhadoras, os e as estudantes trabalhadores (as), as mães, os e as indígenas, os negros e negras, na população pobre em geral. Que os poucos anos de democracia brasileira ainda são iniciais para mexer em uma estrutura tão antiga. E percebemos que a luta estava tão próxima da gente, e foi tão avassaladora quanto às ocupações, e naquele momento que entendemos o significado da palavra ocupar pela ação, e que ela também pode estar dentro da sala de aula.

Ao me deparar com a união de estudantes tão separados por prédios, mas tão fortalecidos ideologicamente, que se fortaleceram ainda mais politicamente durante a ocupação e que além de tudo isso, nos fortalecemos no sentido de proteção, num cuidado mútuo e na transformação de sujeitos responsáveis por si e pelo outro.

Protegemo-nos em um grupo de pessoas que também lutavam por suas causas pessoais, que lutavam contra a depressão, contra ansiedade, contra seus problemas familiares, contra a solidão de um mundo individual, e foi no reconhecimento dessas doenças e problemáticas que fizeram dessa ocupação a criação de vínculos tão fortes.

Vínculos que me fizeram questionar sobre cuidado de mim, e a potência que essa experiência ao me fazer repensar sobre o lugar da docência, e do reconhecimento das próprias falhas, sejam elas institucionais, sejam elas de estudantes, que são passíveis de erro como qualquer humano.

Terminamos a ocupação garantindo que nenhum estudante, servidor e terceirizado do IA, e se possível da UFRGS inteira, fosse prejudicado pelo semestre, e também pela cassação de estudantes feitos pelo governo Temer, que também prejudicava a reitoria. Saímos da ocupação sabendo que depois daquele período as coisas no IA não seriam mais as mesmas.

E não foram mais as mesmas, mas não esperávamos nos deparar com a realidade bruta da depressão, das drogas e dos braços que nem sempre conseguem segurar por tanto tempo. Um amigo nosso comete suicídio, na calada da noite, um amigo próximo, um amigo da ocupa. No calor de fevereiro, um mês antes de voltar às aulas, percebemos que nem tudo se tem alcance e que nem tudo há como evitar. Nos prédios das artes havia um buraco, uma

rachadura, uma falta, e principalmente um silêncio, que mais parecia um grito entalado na garganta.

A união e apoio mútuo àqueles que ficaram, por um lado se fez necessário, por outro se criou atrito. E o silêncio não se fez grito, se engoliu e digeriu. A mim, tão próxima a esse amigo, me senti engolida, apagada e pisoteada pelo dia a dia da instituição e da cotidianidade do ensino.

Um estudante de um departamento comete suicídio, e as aulas não são mais as mesmas, mas a realização das aulas cria uma máscara e borra toda a situação. Não se fala das causas do que ocorreu, e por algum motivo eu sabia que ali abriria um buraco.

Um buraco que poderia ser o medo dos docentes de lidar com algo tão difícil, ou de acharem que não são capazes de lidar com esse problema, mas nós, estudantes, tentamos abrir um espaço que não competia à gente, mas que enxergávamos esse buraco.

Meus amigos e eu tentamos, com o possível que dava criar a rede de apoio mútuo do IA, e oferecer escutas empáticas àqueles que conheciam a realidade bruta. Criamos rodas de debate com o '*Como sobreviver ao DAD*', e ter entre os estudantes uma chance de voz a tantas problemáticas que a academia causa a todo universitário.

O buraco não se fecha, mas reconhecer que ele existe me fez novamente repensar: que docente de teatro eu procuro ser? Que docente é essa que não se prende na inércia institucional, e mesmo sem saber falar sobre um estudante que comete suicídio, não nega a existência do fato?

Neste ano de 2017, eu aprendi a lidar com a falta, e com reconhecimento da falta tão de cara. "Não vamos trazer este assunto, traz a aula para baixo, e eu não saberei dar retorno". Eu escuto isso, e engulo mais um pouco, engulo até ter vergonha que o que eu sinto é parecido ou igual ao colega que se foi. Com quantos buracos faz um docente se reunir com o outro? E pensar que não está tudo bem, e por não estar tudo bem, não afetaria o trabalho docente?

Apesar de tudo, foi nesse ano que começou os meus primeiros estágios, e fui moldando a professora que eu queria ser. Conhecer uma turma de teatro, a partir da professora Vera Bertoni e da Fernanda Marília, que reconhece a importância da matéria, uma turma de teatro que ao meu olhar era um coletivo forte e potente. Uma turma que me trouxe para fora do buraco, e que

potencializou o teatro em mim, uma turma que fiz questão de elogiar e de falar que o coletivo que são, os faz serem tão admiráveis.

Também ressalto que fiz parte da pesquisa da professora Cláudia Sachs, sobre a pedagogia do Lecoq, na via de um trabalho corporal e prático, que fez do toque e do corpo a concretização de um grupo de pessoas, não proposital, que resultou na afinação de diálogos corporais. E que fizeram da minha atuação e do meu trabalho em sala de aula uma nova percepção.

Até chegar ao outro estágio e perceber o quão é necessário numa aula o reconhecimento. Uma turma que na brincadeira pergunta 'quem é gay?', e a maioria dos professores ministrantes da aula assumiram arriscadamente e contrariando o próprio passado a resposta sim. Sim, como posso ser docente e mentir a minha existência e resistência de mulher lésbica? Não consigo, e sobre a impossibilidade de negar nossa existência, recebemos ao final das aulas os cartazes feitos pelos estudantes sobre LGBTfobia. Que demonstravam carinho aos professores ministrantes.

O teatro é correr risco. É ação pulsante, arte efêmera que instiga e provoca transformações como segurar uma mão que nunca foi segurada, ou abraçar um colega que nunca tinha chegado perto antes, é descobrir o que de lindo a pessoa tem. É como Paul Valéry diz: "o mais profundo é a pele". É constantemente lembrar que a pele é o maior órgão do nosso corpo e que por ele passa todas as sensações do mundo, por esse órgão que enxergamos a efemeridade da vida e é por esse órgão que o teatro se faz visível, que se faz sentir, pelo toque, pelo arrepio.

E são esses detalhes que me fazem repensar na arte, e no meu cuidado de mim, e que tudo isso se passa pela minha pele, e que arde em mim, cria faísca e inquietação.

Sem contar as cadeiras em que pude realizar apresentações, graças a professora Ana Cecília Reckziegel, que fossem possíveis para a minha carga horária de trabalho, também pude participar do estágio de pessoas que me inspiram e que enfrentam as dificuldades do coletivo sem perder a paixão de estar fazendo teatro, como minha colega Fernanda Guimarães.

Além de todos esses processos que me sensibilizaram como estudante, eu também me dediquei à instituição, entrei de corpo e alma na burocratização com intuito de tornar uma universidade mais plural e paritária, fiz parte da

comissão do Regimento Interno do IA, com reuniões exaustivas, semanais que me trouxeram grande aprendizado sobre a estrutura da universidade, sobre leis da educação e principalmente sobre como isso influencia no fazer pedagógico.

Esse ano em que escrevo o TCC, 2018, não faz parecer mais confortador que os anos anteriores, ao contrário, faz parecer sufocante. Começou o ano com a ocupação da reitoria pelo movimento de estudantes negros da UFRGS, contra o racismo sistemático e excludente da própria universidade e dos fatores históricos que levam a isso.

No ano em que também ficou evidente e gritante a mim a impossibilidade de estudantes trabalhadores estarem dentro do curso de teatro, quando percebi que sou a única da minha turma de licenciatura a se formar no tempo de quatro anos sendo trabalhadora de carteira assinada.

Ao se deparar com o desgaste corporal que me causou o ato de estudar e trabalhar, o simples ato de sobreviver cansa, adocece e faz o buraco, aquele que eu mencionei anteriormente, parecer maior.

E foi ainda nesse ano, que ingressei no Centro Acadêmico como forma de reativar esse diálogo direto entre docentes e discentes e a burocracia, com intuito de recriar esse espaço de diálogo dessas três instâncias.

E se não bastasse tudo que arde dentro de mim, mais uma amiga faleceu, uma amiga que era para mim a própria palavra *cuidado*. Uma amiga que o DAD sentiu mais um buraco aberto, que faleceu de uma doença sem explicação. Restou saudade.

Quando se entende que não tem mais braços e nem pele para segurar o que está dentro, e não é só da vivência de teatro que se faz uma pessoa de teatro, existe uma família corrompida, existe uma depressão que assola, existe uma eleição que põe em risco a minha existência como mulher lésbica, e existe essa escrita, entrelaçada de tantas histórias e amores. Escrevi esse trabalho ao mesmo momento que meus amigos estão na rua tentando angariar votos, votos para garantir a permanência dos resquícios da democracia brasileira. Escrevi esse TCC correndo risco e em luta.

Mas o que esse desabafo tem a ver com esse TCC? Tudo. Eu não chegaria ao começo desse trabalho sem ter percorrido o que percorri, sem ter deparado com situações de atrito, de impasses e entraves, mas também situações de apoio, de carinho, de troca e de cuidado. Do mais amplo que seja

a palavra, do mais amplo que seja seu significado, eu começo meu cuidado retratando tudo que aprendi e vivenciei, e agradecendo aqueles que cruzaram esse percurso, e que me fizeram desacomodar e me inquietaram enquanto futura docente de teatro. Ao escrito da parede do convívio do departamento, pelas palavras de Drummond, faço desse trabalho um “pôr fogo em tudo, inclusive em mim”.

Capítulo 2

Contar-se é também olhar-se.
Piedade Lalanda

Metodologia utilizada nas entrevistas

Neste capítulo apresento a metodologia utilizada para a realização das entrevistas e como foram abordadas com os docentes em teatro do componente curricular do curso de teatro – licenciatura do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A metodologia aplicada na realização das entrevistas chama-se *entrevista compreensiva* de Jean Claude Kauffman, analisada pela pesquisadora Piedade Landa no seu artigo *sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica* (1998).

Essa metodologia sustenta a ideia de que a pesquisa se torna mais fundamentada e melhor compreendida na capacidade do entrevistador em desfrutar da empatia para com seus entrevistados, num processo de socialização e de partilha de valores. Isso não implica numa falsidade do entrevistador para conseguir o relato centrado, mas de uma humanização do entrevistador, negando o distanciamento, ou a imagem 'fria' do entrevistador e transformando esse entrevistador em alguém, testemunhando a criação de uma relação entre o entrevistador e o entrevistado.

Ainda assim, não descaracteriza o olhar crítico e distanciado que a pesquisa exige, mas que se cria um processo que humaniza a própria pesquisa, e assim fazendo uma transformação no modo em que se recolhem as informações. Esse processo faz com que o entrevistador tenha um aprofundamento e a oportunidade de se ver por dentro da realidade do entrevistado. Fazendo com que o investigador tenha dois lugares de observação: a do próprio entrevistador, mas também do próprio actor.

Para Landa (1998), a utilização do termo actor para o investigador é devido ao modo como o investigador está inserido ao cotidiano em que se vive a sua matéria de estudo, tornando-se um elemento ativo na pesquisa, com uma observação mais empática e por consequência uma escuta mais efetiva, passando pela ética de estar à disposição ao outro e pelo carácter cognitivo em relação à pesquisa atrelada ao olhar crítico sobre a realidade do entrevistado. Landa (1998, p. 872) afirma: “O discurso do sociólogo é tanto mais fundamentado e melhor entendido quanto mais <<enraizado>> for na realidade em que pretende explicar. ”

A metodologia busca a compreensão da pluralidade quanto à classificação da matéria entrevistada, sem estabelecer fronteiras rígidas, com um olhar mais aberto para que as respostas dos entrevistados sejam genuínas e não conduzidas pelo entrevistador, e a partir disso encontrar o relato centrado pelo entrevistado. Trata-se de uma narrativa, mas que não fica presa no particularismo.

Por conta dessa metodologia, começo as minhas entrevistas de um local privilegiado pelo fato de já conhecer parte do cotidiano dos entrevistados, todos e todos os professores os quais realizei as entrevistas fizeram parte do corpo docente do meu curso, neste meio da docência acadêmica, pude acompanhar de perto, não só como estudante em suas aulas, mas nas pesquisas e extensões, e também como representante de centro acadêmico em várias situações burocráticas, e também quando houve as paralisações e ocupações do departamento.

A partir do conhecimento que tive previamente desses professores, escolhi, entre todos do corpo docente, aqueles que tiveram grande impacto na minha formação como licenciada em teatro, professores que de algum modo trouxeram-me a oportunidade e o privilégio de repensar o meu fazer na licenciatura e de reconhecer a importância da mesma.

Então antes de realizar as entrevistas existiu o convite para cada um dos entrevistados, o convite que expressava a minha vontade e o meu desejo para que eles participassem do meu TCC, e principalmente se sentissem confortáveis com o mesmo. Como Lalanda (1998) indica no texto, a melhor pesquisa, ou a melhor forma para que os entrevistados respondam é conhecendo, ou ter uma troca empática com o entrevistador, no meu caso todos os professores já tive um contato muito próximo e de respeito, que já não se classificava mais pela ordem hierárquica que invisivelmente existe entre professor e estudante. Aparentou uma troca de experiências entre pesquisadora e pesquisadores.

A primeira dificuldade foi encontrar possibilidade de agenda, tanto da minha quanto a deles. A primeira questão é que trabalho todas as noites, e quase todas as manhãs os professores estão em aula, causando uma restrição do horário e limitando o tempo para a realização das entrevistas. Fazendo com que

os professores tenham que reestruturar suas respostas conforme o tempo em que eles propuseram para si.

Além dos horários, tivemos que pensar sobre a locação. Quais as suas preferências? Qual o espaço mais confortável para minhas professoras? Até que cada uma foi escolhendo por si qual seria a melhor forma de realizar.

Feita toda a parte de agendamento, chegamos ao encontro presencial de fato. A pressa para a realização, devido ao horário, que conduzia ao efetivo local das entrevistas pela proximidade com as outras tarefas das professoras. Como já não existe essa formalidade imposta da hierarquia entre estudante e professor, a conversa fluía sobre o departamento, à docência, a situação política, as pesquisas dos professores até chegar ao assunto da entrevista.

Como regra estabelecida para mim, como uma ética própria sobre a pesquisa, eu escolhi não contextualizar os entrevistados sobre os conceitos trabalhados neste TCC, mas que fosse uma resposta genuína gerada a partir e unicamente da pergunta que dispus a eles: Como se dá o cuidado de si do docente em teatro?

Foi essa a pergunta que lancei a eles, uma pergunta que se adequou bem com a situação em que estávamos vivenciando no departamento sobre crises entre professores e estudantes, e também no Brasil com a situação caótica e política das eleições. Com tudo isso, resolvi utilizar o verbo 'dar' como sinônimo em comum de três outros verbos: descobrir, provocar e encontrar. Verbos que flertam com o conceito que analiso nesta pesquisa.

Incentivei a todos os entrevistados a responder conforme suas vontades e entendimentos da pergunta, que fossem livres e que não tivessem a preocupação de fazer um pensamento voltado à pesquisa, ou que precisasse de algum referencial. Aconteceu que o tempo limitado não prejudicou na entrevista, visto que a dinâmica que propus concederia a eles toda autonomia para fazer sua balança entre tempo de duração e tempo de fala.

Durante as suas falas, não introduzi comentários e nem incentivo para que falassem alguma resposta esperada por mim, fiz questão de boa parte da entrevista estar olhando para os olhos dos professores, do que olhar através da câmera que estava gravando. A escuta nesse momento se fez muito necessária; Primeiro para que eu entendesse o que eles estavam a me dizer, segundo, porque durante as entrevistas, eles olhavam para mim procurando alguma

provação minha ou concordância, então o olhar para o entrevistador era tão mais importante que um balançar de cabeça.

Ao finalizar as falas de cada um, conversamos sobre meu trabalho, sobre como pretendo utilizar as entrevistas, e também sobre a docência. O que tornou a troca mais linda e de debates enriquecedores na minha formação acadêmica. Agradeço novamente aqui as professoras e professores que dedicaram seu tempo para fazer parte disso.

Aos leitores, caso queiram ler as entrevistas, elas foram transcritas exatamente como estão registradas em gravação, para a pesquisadora, foram respeitadas as interrupções, pausas e formas da linguagem coloquial. Decidi utilizar a fonte itálica para diferir do resto do texto, e as mesmas se encontram no anexo deste trabalho.

Capítulo 3

O teatro não é feito para nos reconciliar com um mundo que vai mal, mas para reconciliar nós mesmos nesse mundo com aquilo que passamos nosso tempo a ignorar solenemente: o instante, naquilo que ele tem de único e que não sabemos viver como tal; uma relação com objetos, sensações, com a plenitude das presenças, quer que elas passem pela palavra, quer pelo silêncio.

Jacques Lassalle

O cuidado de si na docência em teatro

Neste capítulo eu faço a análise dos fragmentos das entrevistas selecionados pela autora com o conceito do cuidado de si do Michel Foucault, junto com os atravessamentos de outros autores que perpassam pelas falas dos professores efetivos do curso de licenciatura em teatro do departamento de arte dramática da universidade federal do rio grande do sul.

Antes de apresentar os fragmentos, disponho de um curto apanhado teórico elucidando o leitor sobre este conceito que proponho debater neste trabalho de conclusão de curso.

O princípio desse trabalho se deu a partir da pesquisa sobre o conceito do *cuidado de si* retirado especificamente do livro *História da Sexualidade Vol. 3 - o cuidado de si* de Michel Foucault. Este conceito foi redescoberto por Foucault (1984) quando se debruçou nos seus últimos anos de vida a pesquisar essa filosofia vinda da Grécia helenística, na era imperial, conhecida como a idade de ouro na cultura de si, e também nos primeiros séculos da era cristã. Esse “*cuidado de si*” posteriormente chamado por Foucault como “*cultura de si*”, trata-se de práticas e “*técnicas de si*” que modulam essa arte da existência. São procedimentos e exercícios que transformam a vida do indivíduo em uma obra de arte modulada por ele mesmo.

...o desenvolvimento daquilo que se poderia chamar uma “cultura de si”, na qual foram intensificadas e valorizadas as relações de si para consigo.

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *techne tou biou* sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. (FOUCAULT, 2014, p. 56)

Essa arte da existência teve seu pequeno princípio com Sócrates sobre o cuidado aos concidadãos, mas foi com o *Alcebíades* de Platão que Foucault se debruçou como a base para todo o estudo do conceito, e para todas as modificações que ocorreram após, surgindo e ressurgindo por quase oito séculos. O *Alcebíades* não é considerado um grande texto filosófico, mas que caracteriza princípios e algumas normas do que seria esse “cuidado de si”.

O que podemos analisar a partir dos escritos de Foucault, é que essa filosofia se desenvolveu como forma de deslocamento da subjetividade moral que se encontrava na época. Uma ação feita de si sobre si, oposta a sujeição, mas ainda um processo subjetivo. Foucault utiliza a palavra deslocamento, pois a filosofia não realizou uma ruptura a ética tradicional, mas outra forma de evidenciar a fragilidade do ser humano, ao se proteger e/ou fugir de suas questões. O cuidado de si vem de uma busca com o ocupar-se consigo mesmo, e fazer de si um objeto de estudo.

... o que se marca nos textos dos primeiros séculos – mais do que novas interdições sobre os atos – é a insistência, a permanência, a exatidão da vigilância que é solicitada; é a inquietação com todos os distúrbios do corpo e da alma que é preciso evitar por meio de um regimento austero; é a importância de se respeitar a si mesmo, não simplesmente em seu próprio *status*, mas em seu próprio ser racional [...] uma intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos. (FOUCAULT, 2014, pg. 53)

Percebemos então, durante análise, que essa cultura de si passou por transformações, e junto as suas transformações formaram-se novos preceitos, regras e “*técnicas de si*”. Também formularam sinônimos do verbo cuidar que complementam seus significados dependendo da época e de que meio esse estudo do cuidado de si se estabelecia.

Em *Alcebiades* de Platão havia um recorte de classe, e de idade. O trabalho era destinado a homens jovens que ocupariam e/ou ocupavam cargos públicos, como generais, imperadores... A necessidade primeiramente de ser com jovens pedia por ser “*tarde demais aos cinquenta anos*”. É importante também fazer um recorte da época, essa filosofia é destinada aos homens gregos, que são pessoas do sexo masculino e cidadãos, nisso exclui os estrangeiros e escravos. Nos princípios do conceito, esse trabalho era convocado apenas aos homens que fossem exercer o poder destinado, até transacionar essa prática a todo cidadão grego.

Esse cuidado era destinado àqueles que fossem exercer poder, e tinha como função principal à cidade. A prática tinha como meio o indivíduo, um condutor, uma pessoa melhor para a cidade, pois o objetivo final da prática era a cidade. Posteriormente, com o crescimento do individualismo e com a

ampliação com todos os cidadãos, o foco principal era o próprio indivíduo, o eu, com finalidade para si sobre si, *“ocupar-se a si é conhecer-se”*.

Nos próximos períodos essa prática se abrange e passa a não ser mais destinado a uma idade específica, para Epicuro como Foucault (2014) relata: *“nunca é demasiado cedo nem demasiado tarde para ocupar-se com a própria alma”*, que também não é mais uma característica para um bom trabalho político, mas para o bem de todo cidadão, para a própria alma.

Ao tornar essa prática uma área adulta, ela fora apresentada como uma forma de terapia, algo a se criticar em si, apresentando uma necessidade de se ter um mestre para conseguir realizar as ações políticas e decisões, era também uma forma de segurança para preparar a pessoa do destinado cargo, caso algo ruim acontecesse no período. Na transposição de um cuidado de si a todo cidadão comum, o próprio cidadão que concedia a si as regras e éticas do seu cuidado, mas ainda assim não descaracterizou esse mecanismo de segurança diante acontecimentos.

Ao converter-se para o eu, o estudo dessa filosofia encaminhou vários outros desenvolvimentos e questionamentos para o que seria esse cuidado de si, exercícios que faziam do indivíduo se pôr a prova, a aproximação a medicina e a ideia de curar a alma, de se ter uma soberania sobre si, sobre ser vigilante do seu fazer representado por um *“guarda noturno”*, até de o indivíduo usufruir do prazer consigo, de viver sem desejo e sem perturbações: tudo que alguém precisa, já está dado *“por inteiro”* dentro de si. Caracterizando toda uma pesquisa em cima de uma prática que fomentava essa transformação da vida em uma obra de arte.

Foucault (2014) torna nítido que essa filosofia passou por alterações e que ela não propõe um fim, mas que causou *“uma modificação na subjetividade moral”* como o mesmo escreve. Modificações tantas que a própria ascensão do cristianismo pode se infiltrar dessa fonte do cuidado de si, ao criar uma moral e regras mais severas sobre a vida individual perante a vida pública.

As análises de Foucault são grandes, profundas e complexas, e como escritas anteriormente, não se propõe um fim, mas uma diluição da prática, uma diluição que não pende a resolução exata ou fechada, mas que procura problematizar e a repensar-nos como indivíduos de nossa era que questiona:

O desenvolvimento da cultura de si não produziu seu efeito no reforço daquilo que pode barrar o desejo, mas em certas modificações que dizem respeito aos elementos constitutivos da subjetividade moral. Ruptura com a ética tradicional do domínio de si? É claro que não, mas deslocamento, desvio e diferença de acentuação. (FOUCAULT, 2014, pg. 86)

É neste ponto que começo minha análise às entrevistas, sobre o desenrolar das falas dos professores que se encadeiam e misturam com esse conceito trabalhado por Foucault. O grande foco desse trabalho com o estudo de Foucault é a indagação, a problematização sobre situações, o que não tornam elas banais ou ruins por se fazer esse exercício, mas por questionar que nenhuma análise poderia ser conclusiva, ou chegaria a um ponto final único, ou comum, não existe caminho mais correto que o outro para se chegar nesse resultado. São diferentes percursos de pensamento para uma mesma questão.

A minha análise é a partir de uma linha de raciocínio e uma linhagem de diálogos que costurei entre as entrevistas dos professores com o conceito, possibilitando uma abordagem que definiria, conforme a autora, o cuidado de si na docência em teatro a partir da pergunta: Como se dá o cuidado de si na docência em teatro?

Apareceu um detalhe em comum dentre os professores, um dos cuidados que muitos mencionaram nas suas entrevistas, era a necessidade de estar se alimentando daquilo que trabalha, não só com leituras a respeito da docência, mas com a apreciação às artes, sobre estar envolvido com o meio cultural e com o que está acontecendo em volta, sobre ir ao encontro de eventos que alimentam a alma, e que também sejam estimuladores para o seu fazer. Percebendo aqui a importância que é essa relação com espectador, que não é morta ou estática, mas que reverbera positivamente seja pela admiração ou repulsa.

Contudo, início a análise dos fragmentos que selecionei dos professores, as respostas estarão em itálico para diferenciar do restante do texto. Escolhi a professora Silvia Balestreri para o desenvolvimento dessa linha de raciocínio, Silvia contou:

... existe uma certa solidão na docência que é a solidão do preparo de certas decisões, eu vi muito quando eu trabalhava com psicologia escolar, só que essa solidão ela pode ser minimizada... na medida em que se tem um

espaço para trocar sobre o exercício da docência, sobre as experimentações, sobre as dificuldades, então na docência em geral, tu ter coletivos, ou pessoas com quem tu possa conversar, eu acho isso muito importante...

Conjuntamente a esse parágrafo, e em quase todo o meu percurso como licenciada em teatro, essa palavra – solidão – assombrou esse fazer da docência, e não só pela observação, e repetição de falas de outros docentes, mas pela vivência. De fato, é concreta essa palavra, por exemplo, na Enciclopédia de Pedagogia Universitária, já cunhava o termo como solidão pedagógica que define:

Sentimento de desamparo dos professores frente à ausência de interlocução e de conhecimentos pedagógicos compartilhados para o enfrentamento do ato educativo. [...]
Como docentes, assumem desde o início da carreira inteira responsabilidade de cátedra, sem contar com o apoio de professores mais experientes e espaços institucionais voltados para a construção conjunta dos conhecimentos relativos a ser professor. (ISAIA, 2006, p. 373)

O reconhecimento desta solidão é comentado ao longo do percurso pelos docentes universitários aos futuros docentes em formação, a preocupação é tamanha não só pela realidade, mas pelo atarefamento burocrático que também implica a essa solidão da docência, ainda assim são poucos os espaços e/ou cadeiras obrigatórias, sequer eletivas, que efetivamente levam essa temática como princípio. Ou que considerem esse tema como uma tarefa a ser debatida.

No que tange a questão, um paralelo: o cuidado de si tornou-se necessário a partir da crescente vida individual, assim como a importância do bem-estar docente frente essa solidão.

O reconhecimento da solidão pedagógica perpassa o conhecer-se a si, não só como o indivíduo docente, mas da mesma proporção à profissão; O conhecer-se a si na reflexão das atividades que acompanham a realidade pedagógica e do status docente. Já que o conceito nos propõe essa possibilidade de nos transformarmos, e de sermos aquilo que ainda não fomos.

Ou de tornar a ser aquilo que poderíamos ser: a possibilidade de se criar um espaço de troca. Encarando essa parte como um desdobrar do cuidado na docência, e os alcances que a mesma possa ascender. Esse espaço de troca

que não se caracteriza como um mero espaço de comunhão, mas que relativa ao pensar da própria docência, e por consequência do próprio ser docente.

Esse espaço possível de formação, de indagação e de impasses dentre colegas, mas que desestabiliza esse mesmo trabalho tradicional do docente, e que tenha esse espaço aberto para que as inquietações percorrem o fazer.

Inúmeras razões e motivos levam a essa solidão e também a esse individualismo taciturno da docência, começando pela falta de fomento à pesquisa docente na formação continuada do professor e a projetos pedagógicos escolares que ainda caracterizam uma formação de estudantes em massa, e ao mesmo tempo uma dividida assimilação de conhecimento, no sentido das matérias e cadeiras escolares ainda serem separadas por conteúdo de matéria própria e não de assunto em comum.

Talvez a existência desse coletivo em que se possa repensar o fazer da docência, e a encarar as fricções que existem dentre um docente e outro, possa assim fomentar a existência de uma nova escola, ou pelo menos uma nova forma de resistência à docência que tanto é sucateada, ou levada como doutrinação ideológica.

Uma ideia de criação desse espaço, como característica de “técnicas de si” da docência, com trocas e escutas, que não se tornem um peso burocrático de regras delimitadas, mas que constitua essa pluralização de pensamentos pedagógicos tornando um duplo objetivo: o melhor para a comunidade escolar, e principalmente para o docente.

Foucault analisou que um grande feito do cuidado de si foi o seu compartilhamento e retorno, se até no conceito supõe que é necessária a existência do outrem para o melhor indivíduo, porque não o compartilhar da docência? Em seu texto, Foucault constou:

Existem também as conversas com um confidente, com amigos, com um guia ou diretor; às quais se acrescenta a correspondência onde se expõe o estado da própria alma, são solicitados conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita – o que, aliás, constitui um exercício benéfico até para aquele chamado preceptor, pois assim ele os reatualiza para si próprio*: em tornos dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem.

Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social. E isso em vários sentidos. (FOUCAULT, 2014, p. 67)

O existir do outro e a correspondência retroalimenta a atividade e os indivíduos, fomentando a continuação do fazer. Foucault também indica vários outros indivíduos que possam contribuir a essa prática, e a sua condição de prática social. Na docência não temos somente os colegas de trabalho que ingressam nessa existência pedagógica, a professora Vera Bertoni, no seu relato, constou que:

Bom, sempre que eu penso na docência de teatro, eu acho que vou ser mais direta talvez, qualquer docência, tem uma relação muito básica, muito urgente, que aparentemente na formação pode ser a última, mas pra mim acaba sendo, nessa resposta a primeira, que é a relação com o aluno. Relação com quem vai compartilhar o espaço da sala de aula comigo, e acho que a melhor forma, talvez, de exercitar esse cuidado, é com cuidado em relação ao outro, que ta sendo motivo da minha docência, no caso, o aluno. Então eu acho que é um cuidado que passa por uma relação, que não é de mão única, que é de mão dupla, e a partir do estabelecimento de uma relação, então assim eu acho que todos os outros cuidados que decorrem nesse primeiro cuidado, eles são em função desse.

Podemos relatar que o espaço de ensino seja regido e esteja sob tutela desse corpo docente, mas esse mesmo corpo docente também está a serviço de e a disposição daquele que a própria Vera relata: o aluno. A existência da docência só é possível com a existência do aluno, se for pensar num paralelo com o teatro, esta arte que só existe se tem o olhar alheio.

Pensando nessa formação, e no encontro póstumo com o estudante, seria esse também mais um fator para a solidão pedagógica?

Não diretamente esse encontro com o estudante, mas com o ambiente e com a familiarização desse espaço da convivência estudantil. Mesmo que todos os licenciados já tenham vivido o espaço escolar como estudantes, essa transposição de lugar desacomoda e desloca a visão. Sendo esse o momento em que se revela o truque do mago.

Convoco duas problematizações sobre o devir professor: a primeira que está no próprio relato da professora, que durante a formação este indivíduo-estudante, razão da licenciatura, aparece por último. E segundo, sobre a constante necessidade de se pensar a licenciatura em amplos parâmetros

quando deparamos com docentes, grande parte na universidade, que não passaram pela licenciatura.

Este encontro precioso com o estudante é compreensível que seja póstumo quando estamos nos capacitando e nos formando para melhores condições de doar a aula, justamente por respeitar esse espaço formativo e de etapas que compreendem todas as precauções para se estar num ambiente escolar.

Mas a observação do conjunto escolar e a preparação para o mesmo fica pendente, ou é visto apenas quando encaramos a realidade. O devir professor, infelizmente ou felizmente, não sabemos suas implicações, não se convoca apenas na licenciatura, mas também no pensamento e na construção do espaço da escola, digo: o plano pedagógico, o orçamento, as condições monetárias, seus regimentos, enfim, a estrutura completa da escola.

A responsabilidade com o todo escolar nas mãos dos docentes parece ser uma grande promessa para uma renovação do espaço escolar, o que não se concretiza com a baixa valorização salarial em relação ao tempo contabilizado e pago, e com as alterações governamentais que implicam na educação em geral.

No segundo ponto que problematizo, seria a questão principal desse cuidado do docente. Só poderíamos cuidar de nós, quando compreendemos o cuidar desse outro, que no nosso caso, seria o estudante.

Mas a realidade de professores, em grande maioria universitária, por não terem feito a licenciatura nas suas graduações, deixam a ocorrer casos que faltam com esse cuidado. A percepção disso é nítida quando suas aulas impõem mais as suas próprias pesquisas, do que essa relação de mão dupla, e o principal motivo da docência: o estudante.

É estabelecendo as condições dessa relação, de mão dupla, que delimita os próximos passos do docente. Encontra-se aí a necessidade explícita da escuta entre docentes e discentes, daquilo que definem o que são a partir do momento dessa relação.

Aquino relata que esse encontro por mais que seja preparado se revela no instante, e que nesse instante se concretiza a existência de ambas as partes, reitera:

Quando se trata do âmbito da formação inicial docente, a sala de aula converte-se, ao contrário, em figura e, ao mesmo tempo, fundo do mundo ali anunciado, mundo composto de objetos sempre contingentes,

não obstante deformes, íngremes e, no limite, evanescentes. Nesse tipo de encontro, professores e alunos encontram-se encharcados pela concretude daquilo que os faz ser quem são e quem porventura serão - esse acontecimento artesanal, sem ontem, nem amanhã, que é a docência. Daí as interrogações constantes do campo, seu caráter inexoravelmente aberto, inconcluso, laboratorial. (AQUINO, 2014, pg. 29)

A existência de um é resultante da existência do outro, portanto, o cuidado de um decorre a partir do cuidado do outro. E assim, torna-se explícito essa condição da docência: o seu próprio fazer é antagônico ao controle. E na docência em teatro podemos relatar um duplo não controle, quando a matéria dada só avança e desenrola com uma escuta apurada do docente para discente.

Como consequência desse instante vivo do encontro, que podemos ter essa premissa do cuidado na docência. O estudante é a razão primor deste cuidado, e o compartilhamento com os demais valoriza tanto o cuidado do próprio docente, como o cuidado com a comunidade escolar em geral, incluindo merendeiras, pessoal da limpeza, segurança, secretarias...

Mas o que de fato faz um professor nos seus princípios do cuidado de si, e ainda, um professor de teatro? A professora Cláudia Sachs, que dá aula de Corpo no DAD, entende que o físico faz parte do cuidar de si, e que também precisa estar atento, Cláudia respondeu que:

O desafio do professor é ter a sintonia com o grupo, procurar a sintonia com as diferentes pessoas, entender na medida do possível qual é a especificidade de cada pessoa, de modo amoroso, de modo consciente e sério, sério no sentido de que aquilo é uma profissão.

Uma premissa dessa fala é a concretude e a certificação de que a arte, por mais bela aos olhos de todos, é uma profissão, e o repetir, o transformar, o ressignificar e, sobretudo a realização dela passa por seus próprios preceitos de ética, impostos pelos seus articuladores. Com isso o teatro se faz a partir do indivíduo que se dedica a essa profissão, que não se baseia apenas ao ator/atriz, diretor/diretora, mas também do professor artista, dos técnicos, iluminadores, cenógrafos, público...

Essa sintonia, que Cláudia fala, se estende como uma conexão ao grupo, de conhecer o conjunto, de poder articular por entre ele, e assim concretizar o fazer teatral. E para poder ter essa conexão, entende-se que precisa passar por si antes, reconhecer-se.

Nesse pequeno trecho, Cláudia relata como é esse estar em sala de aula, e, portanto, estar em aula é conhecer-se, tanto como indivíduo professor, quanto no observar desse conjunto de estudantes. É nesse pressuposto de conhecer-se e conhecer o outro, que impulsiona a reciprocidade desse cuidado em ambos os lados.

É importante ressaltar a especificidade do trabalho da Cláudia no DAD como professora de práticas corporais, pois o seu cuidado primeiro passa pelo físico. Na sua entrevista, quase toda a primeira parte ela fala especificamente das condições que precisa estar o corpo do professor, qual seu estado físico para que a aula flua e possa se conectar, podendo ter essa escuta com os estudantes.

Quando se trata do corpo a sua atenção precisa ser redobrada, não só com os indivíduos por si só, mas com cuidados anatômicos, que passam pelos ossos até a pele. O corpo, essa matéria que em si é palpável, é o onde guardamos tudo que passamos. O que estiver interno, a carne e a pele denunciam. O cuidar de si é estar atenta a todas essas conjunturas que fazem o ser humano, por tanto, Bertherat conta:

Sem nos determos sobre nossa forma – nosso corpo – apressamo-nos a interpretar nosso conteúdo, estruturas psicológicas, sociológicas, históricas. Passamos a vida fazendo malabarismos com palavras, para que elas nos revelem as razões de nosso comportamento. E que tal se, através de nossas sensações, procurássemos as razões do próprio corpo?

Nosso corpo somos nós. É nossa única realidade perceptível. Não se opõe à nossa inteligência, sentimentos, alma. Ele os inclui e dá-lhes abrigo. Por isso tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade. (BERTHERAT, 2010, p.3)

Bertherat canaliza uma das tantas análises que acreditamos também ser um cuidado de si. Sabemos que o entendimento desse cuidado corporal na antiguidade não chega a ser comparado à evolução de estudos sobre o corpo que desenvolvemos, ainda assim, o corpo é o material mais visível. E analisando conjuntamente a Icle, relata:

É nele, no corpo, que se inscreve a possibilidade de transformação. Aparentemente, o discurso da Pedagogia Teatral gira além da crença de transformar a sociedade e se situa no indivíduo. É ele, o indivíduo,

que deve ser transformado para uma vida coletiva mais qualificada. Instrumento e elemento, conteúdo e forma, suporte e matéria, o corpo constitui o verdadeiro *locus* da cultura teatral. Nele, o teatro se faz e se desfaz na sua incessante e inebriada luta contra a efemeridade. Com efeito, é ele que será cultuado na Pedagogia Teatral tal qual sua promessa. Corpo forte, treinado, ágil, corpo resistente ou corpo leve, corpo que incorpora e personifica, que joga e resiste, corpo no qual se inscreve o teatro, a transformação que lhe é cara e a transmutação da ficção. O teatro acontece no corpo, com o corpo e pelo corpo. (ICLE, 2010, p.90)

Deste modo, o fazer teatral e a Pedagogia Teatral têm como condutor, ou mediador, o corpo, com o objetivo a transformação de si para si sobre si. Materializando o cuidado de si do docente em teatro.

E é a partir desse pressuposto da transformação de si, que compreendemos que o cuidado do docente em teatro, não é dado em uma única etapa, ele se reformula, se molda em si, é movimento cíclico e contínuo. Não só do cuidado do docente, mas da característica própria da docência, que em comparação ao artista, nunca tem um fim. Na declaração do professor Gilberto Icle, em entrevista, ela reforçou na palavra inquietação:

Não tem como a gente falar de um cuidado de si hoje, o que a gente poderia pensar, é de que forma hoje nós pensamos essa inquietude, essa forma de se incomodar com algumas coisas... e de como essa inquietude pode nos formar como sujeitos desse nosso tempo,... a gente se depara com alguns momentos que nos forma nessa perspectiva, eu diria assim, talvez boa parte do tempo, a gente tá no cotidiano, vai fazendo sempre a mesma coisa, a gente tá assim ali naquela dimensão que nos carrega, mas quando a gente se inquieta com alguma coisa, de alguma forma a gente refaz nesse cotidiano, e isso eu acho, é o que nos faz se manter vivos.

De fato, é impossível fazer essa transposição do que poderia ter sido o cuidado de si da era helenística para os dias atuais, as comparações e paralelos são rastros do que podemos relativizar. Mas aqui chegamos à motriz desse que intitulo o cuidado do docente. Ele próprio.

Na sua revisitação de si, na modulação do seu indivíduo, a inquietação não é algo a se procurar e achar, mas é atravessamento. É algo ou alguma coisa que tira a estabilidade, que move com as estruturas por inteiro, que questiona o cotidiano e o que está em volta, o teatro e a pedagogia teatral têm essa

capacidade de desestabilizar o comum, a subjetivar o cotidiano e a recriar e imaginar outras possibilidades de vida.

Para Icle (2010) a pedagogia teatral se caracteriza como uma prática da inquietação e da não conformação. Por consequência, faço do docente em teatro um inconformado por completo, pois o fazer teatral é um eterno processo, a encenação por si ou uma aula final, não caracteriza necessariamente a sua conclusão, então o seu fazer resume numa construção e reconstrução do indivíduo toda às vezes em que estiver exercitando seu ofício.

Por tanto, docentes são indivíduos de constante revisitação de si, do seu próprio fazer, e permanecem em contínuo processo. Caracterizando a identidade docente como espaço laboral e de formação longínqua. Imbricando o indivíduo docente com a sua docência, essa conexão direta da identidade do indivíduo com a identidade de sua profissão, e ainda mais interligada quando estamos falando de professores em teatro, o qual implica o fazer artístico. E essa identidade se denomina no fazer, como Iza instiga:

Pode-se dizer que “ser-professor(a)” é uma construção angariada no decorrer de um longo processo, pois é preciso tempo para assimilar a formação, para aprender como agir, para tomar decisões e principalmente para se reconhecer como um formador das futuras gerações. Mockler (2011) aponta que a identidade docente envolve três dinâmicas: o ambiente externo da política, o contexto profissional e a experiência pessoal. A ideia central é que existem três dinâmicas imbricadas no “ser-professor(a)”: aprendizagem profissional, ativismo docente e desenvolvimento pessoal. Cada uma dessas dinâmicas apresenta condutas distintas do professor resultando na melhoria qualitativa do envolvimento e compreensão de si próprio, do campo de trabalho ou das esferas políticas. (IZA, 2014, p. 276)

A docência em si já se caracteriza propriamente como cuidado de si, isso quando compreendemos que a estagnação de um formato de aula também estagnou a própria existência do indivíduo docente, e por consequência a existência do indivíduo aluno, Iza reitera:

Para Contreras (2002), a profissionalidade é vista a partir de três dimensões: a) a obrigação moral; b) o compromisso com a comunidade e c) a competência profissional. Nestas dimensões o autor discute a questão do compromisso atrelado à ideia de moral e ética no ensino. Ao analisar nossos dados, verificamos que profissionalidade docente assumiu três aspectos principais, os quais se coadunam com a perspectiva proposta pelo autor: (1) o compromisso na formação de um futuro professor; (2) assumir que tornar-se professor é uma ação

complexa e; (3) compreender que a docência implica numa constante reflexão e investigação de sua própria prática. (IZA, 2014, p. 281)

A inquietação, a não conformidade, a constante alteração e mudança na própria prática que revitaliza à docência. Procedendo ao que o Icle fala em entrevista: o professor ao se refazer, se mantém vivo. E o que seria um cuidado de si senão à possibilidade de se remodelar como indivíduo? Como aula? Como comunicação com o estudante?

Fazendo da docência um ser respirável, provido de uma circulação própria, de troca de ares e oxigenação desse organismo escola, que contém uma gama variada de indivíduos que ali circundam. Ainda assim, como respirar neste espaço que no Brasil tanto se sucateia ou querem retirar da população e do docente?

Professor Mesac Silveira pensa em como se proteger:

Por que proteger sem ser machucado, às vezes envolve você se blindar e criar uma casca que não é isso que eu quero. Não é isso que eu consigo. Então o que seria esse cuidado de si em que poderia não ser esse proteger e criar uma casca, não é criar uma casca profissional, agora eu sou professor, então eu me protejo, vou me colocar de uma maneira um pouco distante e fria diante de algumas situações, pra mim não tem nenhum sentido, nenhum significado eu ter esse distanciamento, como me proteger sem criar casca? Como me proteger sem realizar essa cisão, entre ser professor e ser o Mesac? ... Como me proteger e ao mesmo tempo, sim, ser responsável, ser um profissional, ser um criador... Enfim, proteger e cuidar de mim, cuidando a minha liberdade, e cuidando a liberdade... talvez seja isso que eu tento proteger, esse meu desejo pela liberdade, ao cuidar desse desejo pela liberdade, talvez eu cuide desse cuidar de mim. E esse cuidar da liberdade, eu devo dizer que, não é cuidar só da minha liberdade, é cuidar da liberdade em si, da minha, da sua, de quem ta perto de mim. Que entra na questão da diversidade, da diferença, cuidar da diferença, acho que tem muito a ver com a liberdade.

Sinônimo de proteger é cuidar. E diferente de se criar cascas, o cuidar parte da minúcia de estar aberto. Se fizermos um paralelo com um machucado, pensaremos na ferida aberta e a casca não é a parte que fica. O cuidar desse machucado cria-se cicatriz, que é a denúncia de que ali houve um machucado e não há o que esconder.

Da premissa se encara o fato dado, um professor pode estar tomado dessa casca como um cuidado de si, mas ainda assim a imagem não desassocia a pessoa. Então essa casca torna-se característica do indivíduo. Encaro essa parte como uma junção fundamental de todas as análises anteriores feitas.

Talvez essa casca possa ser mais um disfarce da solidão pedagógica? E qual a possibilidade dessa via de mão dupla fluir quando nos vestimos dessa casca? Que corpo é esse que carrega a casca? E que morbidade cascuda tomou a vivacidade de um professor inconformado?

Mesmo que no teatro, esse professor-criador, que faz do seu corpo transmutação da ficção, que se despe para a transformação, como pode ele estar revestido de uma casca?

O cuidar do docente para na encruzilhada, podemos seguir esse modo tradicional e obsoleto. Ou podemos nos inquietar, transformar, escutar. Talvez o cuidar não seja essa dualidade entre duro e fragilizado. Mas de conformismo e indagação. Também não é entre o caminho mais fácil e o mais difícil, mas entre a mesma paisagem, e aquela que altera. A pergunta que fica: como ser docente e sentir cuidado em todas as instâncias que tangem à docência?

Ou ainda, como ser docente e encarar a docência de fato? Com as suas problemáticas, com a heterogeneidade de estudantes, e principalmente com o diálogo direto ao estudante, esse diálogo que flerta com a liberdade, com o respeito à liberdade, Freire (1996, p.33) ressalta que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”.

É justa essa gama de saberes que abraçamos a liberdade, são a esses saberes diversos que resultam o refazer do docente, de se moldar novamente ao que se está propondo, esse criar-se a si do docente com intuito de ser melhor para si e para com os outros, que é consequência dessa relação estabelecida com o estudante. No qual o desejo de um estimula o desejo de outro, o prazer coletivo de se estar em sala de aula se retroalimenta. Um professor-artista que encara e joga com o público, que cria com seus educandos, que ele existe por causa e com essa pluralidade que é o corpo discente. Pluralidade tal que configura a diferença.

A diferença não se apazigua, já que não é função apaziguar, o que a diferença faz é diferir; a cada repetição extrai uma diferença, ou seja, diferenças geram diferenças. A diferença vai de encontro às

identidades, já que tem por função borrá-las. (ABRAMOWICZ, RODRIGUES, CRUZ, 2011, p. 92)

Cuidar dessa diferença, que não é causadora de confrontos, mas o olhar *pré-conceituoso* a essa diferença que impõe ao confronto. Cuidar da diferença é a compreensão da pluralidade inconclusa que define uma pessoa. Que a totalidade mina qualquer possibilidade de brecha no espaço escolar formal, e na formação deste docente. Apaziguar é concordar com essa totalização, é ir de encontro ao *slam* da poeta Naruna, ir de encontro ao relato de Hannah Gadsby em *Nanette*.

Também não podemos ignorar e esquecer tudo que constitui um professor, esse indivíduo plural, que também carrega essa outra gama de saberes, passados, vivências. Considerando que, nos dias atuais, está cada vez mais difícil ser professor, não pelos alunos, mas as conjunturas políticas e a nova visão das famílias frente ao corpo docente. Este professor que não é só, e que também constituiu a diferença, de ser essa figura de tutor e responsável pela própria profissão, e ainda assim vulnerável a tudo que atravessa a mesma.

Podemos ressaltar também que este professor, ao se apresentar, traz em si um estranhamento a esses estudantes, o diferente se estabelece na presença do professor e no seu local de fala também. Lembrando de Green e Bigum em *Alienígenas na sala de aula*, o professor é essa presença misteriosa que chega com toda uma carga representativa na sua existência. E a escuta desse docente que abre os caminhos para essa liberdade e para que as diferenças possam ser manifestadas, respeitadas e cuidadas.

Talvez a proteção desse professor de teatro seja a aceitação da vulnerabilidade humana frente à diferença, e poder abraçar ela. E porque isso é tão forte dentro do teatro? Pois o teatro passa pelo corpo, pelo toque e olhar com o outro, o teatro busca a cumplicidade, o teatro é abraçar e ser abraçado, como intitula Pupo (2006). O teatro é esse lugar sensível que pode mexer nas entranhas, e abraçá-las, não para abafar ou aquecer, mas para sentir os batimentos.

O professor-ator revira e recoloca as entranhas, às vezes ainda não preparado, ou sob risco, mas é esse arriscar-se a si, dos seus modos antigos, de seus costumes e hábitos e se jogar de braços abertos para essa nova invenção de si, seja em um personagem, seja na sala de aula. O eterno estar

inquieto do ator-professor para ser melhor para si em cena, e principalmente para aquele que o acompanha e que assiste.

Então podemos refletir que esse arriscar-se a si seja uma dobradura desses cuidar do docente em teatro, e especificamente dessa matéria que busca esse revisitar-se e questionar os hábitos e repetições. Onde não podemos mais criar essa casca e desassociar o professor do artista, e do artista a pessoa.

A professora Celina Alcântara, respondeu:

O que me chamou atenção foi justamente de como isso em alguma medida se conecta com uma formação teatral, de um professor, no meu caso eu pensei tanto do ponto de visão do artista-ator, quanto do ponto de vista do professor que eu tava falando justamente do curso onde essas duas coisas estão juntas, né. A formação de um artista e de um professor, mas eu acho que assim, o que me chamou atenção, quando eu ouvi falar do conceito é justamente essa ideia de um cultivar-se a si mesmo para ser melhor, para estar melhor com os outros... então tem a ver com uma visão de mundo, que vou te dizer na verdade, que está cada vez mais que tenho me identificado e visto, né, isso vem depois da tese, que tem a ver com a própria ideia, com as próprias ideias dos povos originários e dos descendentes afros brasileiros que têm essa vivência mesmo de se fazer em comunidade, de se fazer para estar em comunidade e não pra se preocupar, é... em assim em ser melhor que os outros, é a ideia de ser melhor com os outros então é isso que tento cultivar cada vez mais na minha relação tanto como docente, como como artista que pra mim estão as duas imbricadas, né a minha formação é essa: de uma artista-professora que trabalha as minhas duas medidas juntas, e as duas medidas foram me transformando, então eu acho que o cuidado pra mim, hoje, se posso pensar assim mais precisamente, o cuidado essencial tem a ver com estar atenta a esses outros.

Logo após o relato, lembrei dessa frase que Pupo (2008, p. 60) declara, “as ações interativas entre os indivíduos promovem a construção de saberes”, a resposta da Celina está contida nessa frase, ela não só se constrói a partir das suas medidas como professora artista, mas juntamente com todos os outros indivíduos que fazem dela ser uma professora artista, que compõem essa cena que se coletiviza.

Pupo (2006) também considera a escola como o coração do projeto democrático e enfatiza a urgência da permanência e fomento de projetos para

manter o estudo das artes nas escolas e na formação de professores de teatro, ela também vê o teatro como esse encontro de construções coletivas.

E são nos espaços da sala de aula, dos exercícios de teatro, da apresentação cênica, dos ensaios de processos, que se caracterizam esses coletivos. E como estruturalmente se estabelece os mesmos, seja pela conjuntura de como é uma sala de aula ou como se organiza as turmas, tanto como se organizam os grupos de teatro ou como é feita a apresentação. Temos em mãos esse coletivo à frente, que podemos co-criar, sabemos que uma turma de sala de aula ou público tem objetivos diversos, mas os mesmos meios.

A sala de aula é esse campo aberto de trocas e de experiências, de pessoas com vivências múltiplas, como os alunos, os colegas professores, o pessoal da limpeza... E entre todas essas pessoas e estruturas, temos o professor de teatro. Esse que é professor artista, e que como a Celina relata as duas medidas que se constroem juntas, entregamo-nos para a arte assim como entregamos para a aula.

Desses tantos outros que incendeiam nessa pluralidade, que rompem asfalto de certezas e que desmistificam a totalidade. Ser professor de teatro é estar com os poros abertos, a sensibilidade aguçada, o coração cheio e silencioso. É poder tecer entre os saberes.

São desses que podemos de coração aberto nos entregar, e receber a entrega de volta. É esse professor artista que entende das dores, que também é uma pessoa que sofre e que é acolhido. O artista reinventa a si a cada oportunidade de vivenciar a sua arte, e o professor artista reinventa a si a cada oportunidade que tem de encontrar alguém que possa se reinventar junto. É o professor, esse indivíduo que se apresenta singular, mas o considero plural.

Mas o que seria esse plural? Não vem unicamente da ideia dessa profissão precisar ter uma atenção múltipla com tantas obrigações e tarefas, e também não é com esse entrelaçamento entre ser indivíduo para si e indivíduo para aula, mas essa ponte entre o antes e o depois.

Aquele que conduz a aula passou pelo mesmo ambiente daquele que está sendo conduzido, que também já fora aquele incentivado, e que agora torna-se incentivador. Este professor que aprendeu a ser professor com outro professor, seja pelo espelho ou não, é essa ponte entre o passado e o presente. Entre renovações da criação de vínculos com a sala de aula, e com a

reformulação do fazer a partir do novo que sempre vem, fazendo alusão à letra de Belchior.

Esta ponte da herança e da reinvenção de si, que faço analogia aos povos originários e aos descendentes afro brasileiros, que carregam seus antepassados, mas não deixam de se recriar como coletivos, por sobrevivência e resistência, mas por compreender que temos mais forças juntos, e que somos melhores como indivíduos à medida que nos fortalecemos como coletivo.

Enxergo a sala de aula como esses ambientes que resistem pela coletividade, que resultam na não competição e na agregação de saberes. Em que nos tornamos melhores professores de teatro à medida que abrimos o espaço da sala de aula como convite e não mais obrigação, por mais que tenham subjetivamente as obrigações, a responsabilidade pela aula se adquire naturalmente ao passo que não individualizamos, no sentido solitário, aqueles que a compõem.

É assim que enxergo sobre estar atenta a esses outros, quando Foucault apresenta todas as transformações do *cuidado de si*, um fato ocorreu, que já mencionei anteriormente, mas trago a atenção aqui: mesmo que o cuidado de si seja resultante de uma vida mais individualizada, o potencializador dessas técnicas era a troca de correspondências, o diálogo, o acompanhamento e a escuta que resultaram numa melhor versão de si.

Moldamo-nos a partir das nossas inquietações sobre si, sobre o nosso fazer, e sobre o que está ao nosso redor. Moldamo-nos juntos a esses outros, cultivamos a si. Inquietar-nos a cada passo que desviamos da cotidianidade, mas antes que pudéssemos retornar a esse coletivo, retornamos a si, ao que está ao nosso alcance como controle, um silenciar para si diante do que está posto, de construirmos para si uma melhor versão desse professor artista, que parece ser redundante quando comparamos o trabalho do mesmo ao cuidado de si, de transformar a vida em uma obra de arte, já que por natureza somos a nossa obra de arte.

Que sejamos ela, e que nunca deixaremos de ser processo ou que nunca seja escasso ou vazio, e se tiver, que incendiemos, vamos pulverizar, até moldar e remodelar mais de uma vez, para não ficarmos vazios, ou solitários. Aqueçamos e cuidamos de nós, assim que a chama se alastrar. Colocaremos fogo em tudo, inclusive em nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É feia, mas é uma flor, furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

O amor cura
Bell Hooks

Aqui eu retorno a mim, numa noite de crise existencial, sem saber como continuar, pego uma massinha de modelar de 500g que comprei e deixei para ser usar para me acalmar, caso tivesse essas crises, chorei enquanto amassava, e lembrei de tudo que andei e percorri, estava moldando a mim e ao me fui me construindo dentro do departamento, e das perdas que passamos.

Lembro de todo esse cuidado que escutei de cada professor que me atravessou de alguma forma, a cada professor que me trouxe oportunidades tão raras e sensíveis.

Eu também entendo toda a fragilidade que é ser indivíduo, e ainda por cima, professor, que tem essa linha tênue entre poder estar equivocado e arriscar, ou ir de cabeça no incerto. Dos erros que cometemos e que possam parecer graves por estarmos nesse posto, que não digo hierárquico, mas que conduz saberes.

Diante de tudo eu percebi que o cuidado do docente de teatro passa pelo próprio fazer teatral, de se pôr a pesquisa, de não se esgotar e não estar satisfeito com produtos finais, mas permanecer em constante procura e processo. De se pôr de corpo inteiro àquilo que nós designamos a ser. Professores artistas.

A mim, que por tanto me encheu o peito os relatos dos professores, preciso dizer que cuidei de mim todas as vezes que olhei cautelosamente os meus professores em ofício, que cuidei de mim quando pude escutá-los além do ofício, quando compartilhei dos mesmos medos que nos assolam perante esse governo que está por vir.

Cuidar de si pode parecer um caminho solitário, mas não é sozinho. Eu que por tantas vezes falhei durante esse trajeto que é realizar um TCC, tenho minha orientadora como testemunha, pude também encontrar essas técnicas de si.

A todos os meus professores dessa minha formação, que me incentivaram a ser uma estudante de licenciatura em teatro cada vez melhor, não só para mim, mas para um departamento, para colegas de ofício, para técnicos, para os terceirizados, para meus estudantes de estágio e meus futuros estudantes de vida.

Apreendi que esse ofício é incessante, aberto e de constante visitação de si, e que pude, por inúmeras vezes, testemunhar o que é o cuidado de si do docente em teatro durante essa minha trajetória no DAD.

Eu vi que era cuidado quando os professores do DAD entraram de acordo com as paralisações que realizamos, quando acompanharam as outras ocupações, quando disponibilizaram o horário de aula para estar nas ocupações, quando criamos manifestos coletivamente, quando abriram a aula para debater assuntos que ainda não chegaram à academia.

Eu vi que era cuidado quando os professores do DAD estavam presentes, preocupados e dispostos a nos ajudar na ocupação em 2016, quando ouvi de todos os outros companheiros de outros departamentos declarando inveja perante o corpo docente fortemente representado.

Quando vi meus professores fazendo almoço, limpando a ocupação, escutando as nossas pautas, respeitando os nossos espaços e abertos para escutar e motivados para realizar as transformações que viriam após.

Quando recebi colo, e também vi as lágrimas de meus professores quando enfrentamos a nossa primeira morte, quando desaceleraram um pouco as aulas para que pudéssemos respirar diante o acontecido.

Quando muitas vezes estive mal ou machucada e preferiram perguntar direto para mim que possibilidade de aula pode construir, quando tive minhas falas respeitadas e ouvidas, por mais que eu diga algo equivocado, e assim pude construir um novo pensamento.

Quando compreenderam a minha carga horária exaustiva e me deram possibilidades de realizar minhas tarefas sem que prejudique a minha forma de me sustentar. E como transformou a aula um local em que eu pudesse ser respeitada apesar do meu cansaço.

Quando tivemos uma amiga, companheira, estudante nossa, falecer por uma doença e ver um departamento inteiro no velório, não por prestação de condolências, mas por sentir a mesma dor que a minha, de perder uma amiga.

Quando inúmeras vezes pararam suas aulas para ouvir o que estava acontecendo entre os estudantes, o centro acadêmico, as pautas internas e que estão presente nas reuniões que chamamos e pedimos por horários.

Quando não só de DAD se vive um professor de teatro, mas quando pude vê-lo em cena, ou como espectador, ou como companheiro de uma cerveja num bar. Quando encontramos em um único departamento professores, conselheiros, amigos, preocupados na construção completa de um estudante de teatro, que resultou no cuidado de mim, que passou pelo afecto e que fui afectada, e nas palavras de Rocha, explica:

Quando um corpo age sobre outro, chamamos “afecção”, ou seja, uma mistura de corpos em que se verifica uma ação recíproca onde os corpos recebem as relações características de cada um, produzindo transformações em seus estados anteriores. “Afecto”¹ não é um sentimento do sujeito, mas o que vai desmanchar o sujeito, sendo, portanto, da ordem da não-representação. Neste sentido, a vida é química, um corpo é relação e suas possibilidades estão no limite de seu poder de ser afetado.

NOTA 1 “Afecto” é utilizado para designar um estado do corpo onde a potência de agir é aumentada ou reduzida, favorecida ou bloqueada. Segundo Espinosa, afecto é uma noção confusa pela qual explicitamos um estado de paixão da alma, através do qual se afirma uma força de existir do corpo que envolve mais ou menos realidade que antes. “Um modo existente define-se por um certo poder de ser afectado” Deleuze, G. Espinoza e os signos. Porto, Rés editora limitada, 1976, p.51. (ROCHA, 2006, p. 64-67)

E mesmo que esse afecto não seja em perfeitas condições, mesmo que passamos por diversas complicações, e que ainda temos muito a cuidar, brotou no meio das chamas, onde achou que seria nada, uma flor, que renova o meu olhar sobre a docência em teatro.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. A diferença e a diversidade na educação. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n. 2. p. 85-97, 2011

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

AQUINO, J.G. Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente. São Paulo: Cortez, 2014.

BERTHERAT, Thérèse. O corpo tem suas razões. 21 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade vol.3 – o cuidado de si: 1ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GREEN, Bill & Bigum, Chris. “Alienígenas na sala de aula”. In Tomaz Tadeu da Silva (org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1995.

ICLE, Gilberto. Pedagogia Teatral como cuidado de si. São Paulo: Hucitec: Aderaldo & Rothschild, 2010.

ISAIA, S. M. A. Glossário. In: Morosini, M. (org). Enciclopédia de Pedagogia Universitária. Brasília: INEP/RIES, v. 2, 2006.

IZA, Dijnane; BENITES, Larissa; NETO, Luiz Sanches; CYRINO, Marina; ANANIAS, Elisangela; ARNOSTI, Rebeca; NETO, Samuel de Souza. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. REVEDUC. São Carlos, v.8, n.2, p.273-292, 2014.

KAUFMANN, Jean-Claude. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. Análise Social, Lisboa, v. 33, n. 4, p.871-883, nov. 1998. Disponível em:

<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>>. Acesso em: 13 out. 18.

MANOS E MINAS, Poeta: Naruna, 2017 (3m52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XDK64q-H0X0>>. Acesso em: 01 out. 2018.

NETFLIX. Nanette. Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=nanette&jbv=80233611&jbp=0&jbr=0>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

OLIVEIRA, Karina org. Raízes: resistências históricas. 1 ed. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2018.

PUPO, Maria Lúcia de S. B. Abraçar e ser abraçado. In: Pedagogia do teatro: provocações e dialogismo. São Paulo: Hucitec: Edições Mandacaru, p. 11-16, 2006.

PUPO, Maria Lúcia de S. B. Dentro ou fora da escola? In: Urdimento. Revista de Estudos em Artes Cênicas da UDESC, v. 10. p. 59-64, 2008.

ROCHA, Marisa Lopes da. Identidade e diferença em movimento: ressonâncias da obra de Deleuze. Rev. Dep. Psicol,UFF [online]. vol.18, n.2, pp.57-68, 2006.

VALÉRY, Paul. "L'idée fixe". In: Oeuvres complètes. Tome II. Paris: La Pléiade, 1960.

ANEXOS

Professora Celina Nunes Alcântara, do departamento de arte dramática:

O que identifico em mim, no meu trabalho, enquanto docente de teatro relacionado à ideia de cuidado de si, acho importante falar também como é que entro em contato com a ideia de cuidado de si que é um conceito uma noção que é retomada pelo Michel Foucault que é a partir da experiência lá que é greco-romanos, e eu entrei em contato justamente a partir desse autor, dessa ideia, desse conceito, o que me chamou atenção foi justamente de como isso em alguma medida se conecta com uma formação teatral, de um professor, no meu caso eu pensei tanto do ponto de visão do artista-ator, quanto do ponto de vista do professor que eu tava falando justamente do curso onde essas duas coisas estão juntas, né. A formação de um artista e de um professor, mas eu acho que assim, o que me chamou atenção, quando eu ouvi falar do conceito é justamente essa ideia de um cultivar-se a si mesmo para ser melhor, para estar melhor com os outros, essa ideia de uma relação de um cultivo de si que não é voltado pro indivíduo, pro ego, não é um cultivo hedonista pra o meu prazer pessoal, mas um cultivo mesmo no sentido de ético, social. Ético do ponto de vista político e nesse sentido social. É... e que junta essas duas coisas com uma ideia de criação, né, porque tem aí no cuidado de si uma ideia de criação mesmo, é como se a gente criasse a si mesmo, pensar-se a si mesmo, inclusive o Michel Foucault fala isso, né, como uma obra de arte, pensar a sua vida como uma obra de arte, que é a ideia que tá lá nos greco-latinos. Então eu acho que a partir disso eu comecei a enxergar como essas relações estão estabelecidas em alguma medida, com o trabalho do artista da cena, ator, professor, desde a sua formação, desde uma formação que mexe com a minúcia do corpo, que transforma esse corpo, fisicalidade, físico, é... que transforma esse corpo, mas isso tá relacionado com o modo de se colocar no mundo, que não é assim eu transformo pra ficar mais bonito esteticamente, mas essa estética tem a ver com a estética da existência, no se tornar melhor para se relacionar com os outros, né, é... então tem a ver com uma visão de mundo, que vou te dizer na verdade, que está cada vez mais que tenho me identificado e visto, né isso vem depois da tese, que tem a ver com a própria ideia, com as próprias ideias dos povos

originários e dos descendentes afro-brasileiros que têm essa vivência mesmo de se fazer em comunidade, de se fazer para estar em comunidade e não pra se preocupar, é... em assim em ser melhor que os outros, é a ideia de ser melhor com os outros então é isso que tento cultivar cada vez mais na minha relação tanto como docente, como como artista que pra mim estão as duas imbricadas, né a minha formação é essa: de uma artista-professora que trabalha as minhas duas medidas juntas, e as duas medidas foram me transformando, então eu acho que o cuidado pra mim, hoje, se posso pensar assim mais precisamente, o cuidado essencial tem a ver com estar atenta a esses outros, né. A minha medida de relação tanto quando estou na cena artística, como quando na cena de professor, na cena de sala de aula, é estar atenta a esses outros, que não é só o que eu tenho a dizer, mas o modo como aquilo que eu tenho pra dizer, aquilo que eu levo comigo, repercute nas outras pessoas e também, é... o quanto que essa relação ela me faz, quando que eu aprendo como professor, porque é isso assim, eu sou consequência dessa aprendizagem, eu sou professora, eu cada vez sou professora "melhor", se é que a gente pode dizer isso, porque eu aprendi muito com os vários outros da cena, dessa cena ensino, né, porque eu acho que é isso também, trata-se de muitos outros da cena, né, nós temos outros da cena que são aqueles que a gente contracena, com os diretores, ou dos artistas em geral com quem a gente cria a cena artística, mas a gente também tem esses outros da cena que são os alunos, que são os nossos colegas professores, os outros da cena que são o público, são vários outros, na verdade vão constituindo a gente, vão fazendo a gente como artista e como professor em diferentes níveis, e espaços, né. Mas pra mim existe essa conexão justamente por que é... eu fui me formando é... junto nessas duas coisas, eu exercito essas duas funções efetivamente na minha vida, então pra mim o cuidado que eu tenho tido cada vez maior é esse, de estar em sintonia com esses vários outros, de não chegar pra trazer alguma coisa, pra dizer alguma verdade, mas pra realmente estar ali naquele momento presente e deixar fluir essa troca, essa relação, onde cada um tem alguma coisa a trazer, a acrescentar, não existe uma coisa assim, bom, eu sou a professora então eu tenho o saber, então eu que tenho que dizer, então eu parto desse ponto, desse lugar, que a gente vai construir alguma coisa, e que parte dessa construção tem a ver comigo com a minha formação, mas parte também é importante tem a ver com as pessoas que estão ali, e por isso esse

fenômeno também vai se transformando né, cada momento de relação tanto de cena artística, tanto de cena aula é muito diverso, é muito diferente, então o que eu posso falar especificamente com a ideia de cuidado de si é de uma de atenção, de uma atenção Atenção para com os outros, que pra mim é a grande lição do cuidado de si.

Professora Silvia Balestreri Nunes, do departamento de arte dramática:

Nossa, cuidado de si, cuidado próprio, eu acho que docente em geral tem... Uma..., existe uma certa solidão na docência que é a solidão do preparo de certas decisões, né, isso nas escolas assim, isso é muito...é...e... eu vi muito assim, quando eu trabalhava com psicologia, psicologia escolar, só que essa solidão ela pode ser minimizada né, com a medida em que se tem um espaço pra trocar sobre a docência por exemplo, sobre o exercício da docência, sobre as experimentações, sobre as dificuldades, então na docência em geral, em qualquer docência, eu acho, é... tu ter coletivos, onde tu possa, ou pessoas com quem tu possa conversar, trocar, trocar experiências, isso é muito, eu acho isso super importante, né, e aí né, por exemplo no DAD, no departamento de arte dramática, agora, de uns tempos pra cá, a gente tem tido um certo grupo de pessoas, ou tem se dado um tempo não institucional né, nem assim com uma frequência muito grande, mas assim, sempre que necessário, eu encontro assim pessoas que são colegas, que também são amigos, com quem trocar a respeito, a respeito da própria docência, a respeito das coisas que a gente conta, a respeito dos embates, a respeito dos entraves, né, então isso pra mim isso tem sido muito precioso, né, tanto num nível do próprio departamento, quanto com colegas em situações diferentes, isso eu acho que é um tipo de cuidado de si, fora isso, assim, eu tenho, eu particularmente tenho outras instâncias na minha vida, por exemplo, eu faço terapia, e aí a terapeuta gosta muito de teatro, psicanalista, minha analista, ela gosta muito de teatro, ela vai a peças, ela pede indicações, ela conversa as vezes comigo, e aí também é muito sensível sobre questões do exercício da docência em si, eu tenho muitas amigas com quem eu gosto muito de trocar, elas são da época da minha faculdade, e elas tão no rio de janeiro, as mais próximas, as vezes eu consigo conversar um pouco, mas é bem menos frequente, então esse é um outro espaço de cuidado de si, fora isso,

vários níveis, por exemplo de docência, dentro lá no departamento, que inclui a pós graduação, me permite uma certa, é que eu do aula, umas aulas mais assim, eu tenho muita gente da licenciatura, então que já conversa sobre a docência, tem as orientações de pós que às vezes que são espaços de troca, né, então se eu to pensando junto com alguém e tem alguma dificuldade, na escrita, na, eu to pensando com alunos e alunas, eu também to pensando sobre mim, né eu também to pensando, eu também escrevo, eu também pesquiso, eu também tenho questões, que são questões, que são questões institucionais e questões de produção de conhecimento, de funcionamento, de espaço, de lidar com limites, por exemplo de institucionais, de horários, de possibilidade de atravessamentos que a própria política tanto da universidade quanto a política geral aparecem, o quanto nos atravessam, então eu acho que também criar esses espaços, também é muito importante, criar esses espaços, dá um certo tempo pra sala de aula também ser um espaço de troca, isso também serve pra mim e serve pro que ta se fazendo como trabalho, mas serve também pra mim, né. E ai a especificidade do teatro, como eu venho de outra área, eu tive uma formação em psicologia, trabalhei muito com a área de educação, psicologia escolar, e dei aula durante 10 anos na psicologia, e trabalhava com pessoas do teatro, da educação física, da formação de pessoas que iam trabalhar em escola, a gente já tinha esse exercício de se pensar, de pensar as práticas, de pensar as produções que tão em jogo, então tinha um pouco isso, mas não quer dizer que quando a gente entra na correria, das obrigações, das tarefas institucionais que a gente vai conseguir sempre ta criando um espaço, um coletivo, mas sim, e ai no teatro especificamente, trabalhei, trabalhava com teatro do oprimido na psicologia com a UFRJ, é também, as disciplinas, as práticas que são do teatro do oprimido elas são, se alimentam exatamente das pessoas pensarem coletivamente nas suas questões, então elas também ajudam um pouco pra isso, aí eu acho que também to junto pensando que são coisas que também me atravessam e fora isso nas experimentações, né, como agora eu to fazendo uma disciplina que eu to experimentando uma coisa que é fazer uma leitura dos mil platôs, do deleuze, sem interpretar, né, variando a sonoridade e tal, é uma viagem assim é, divertido, é divertido, mas é meio desafiador, como é assim, gente, que que é que a gente ta inventando, se vai dar certo, mas eu acho que assim, várias instâncias de encontro com colegas, com orientandos, com

orientandas, com enfim, dá pra conversar também sobre o que ta acontecendo, então, eu pensei no cuidado de si mais numa coisa mais subjetiva assim de uma disposição, de um ânimo, mas tem também, é louco assim, mas faz parte também, ir a teatro, poder escolher, poder ali sendo alimentada por arte, isso também é um tipo de cuidado, ajuda muito né, no cuidado de si, e no cuidado de si, se essa pergunta for especificamente da minha docência ou para os alunos, eu acho que isso tudo vem meio junto, assim se a gente exerce um pouco o cuidado de si, é... um pouco ta atenta, pra sacar e perceber os movimentos assim, que tão acontecendo com quem ta em volta né, em relação com a gente, Eu lembrei de um exemplo, mas aí depende isso varia né, tem uma orientando por exemplo, Márcia: silvia, a gente se encontra e passa no corredor e eu falo uma coisa e tu já dá um toque né, e aí aquilo já serve. Mas isso vem muito do tipo de relação que se estabelece, né, mas os desafios que as pessoas têm com a escrita e tal, os amores e desamores com a formação e as formações, eu tenho também, e me atravessam.

Professora Claudia Müller Sachs, do departamento de arte dramática:

Bem pra mim, a primeira coisa fundamental é o sono, tanto pra preservar a voz tanto pra ter a mente clara e desperta, pra poder acompanhar a aula de teatro dependendo do modo de como ela se desenvolve, eu costumo sempre preparar as aulas, uma coisa que eu trago da minha experiência de docente de inglês, dando aula de inglês, em que a gente passou num treinamento de como preparar aula e da importância de ter um plano de aula, depois teve uma época em que eu era treinadora, dava cursos de treinamento para professores de inglês, em que a primeira coisa era instrumentar o professor a organizar o plano de aula, então é uma herança que eu trago de 20 anos de docência de línguas, e que eu sigo fazendo pras aulas de teatro, então eu sempre faço essas preparação de como vou começar a aula, qual objetivo principal, como vou abordar, vou levar música, enfim, os materiais pra aula, mas tem uma parte da aula de teatro, tem as partes que são improvisadas indo de como o grupo vai respondendo, eu me permito improvisar, indo mais de um lado, indo mais para o outro, e pra isso eu sinto que é fundamental eu estar descansada, eu ter tomado café de manhã, eu acordar com tempinho, e não sair atropelando como às vezes a gente vai

fazendo. Então, sono fundamental, comer alguma coisa antes, também, por que parece que se a gente tá com fome ao longo da aula a atenção vai para outro lugar, e as aulas de teatro exigem, no meu ponto de vista, pra mim, exigem uma concentração multiplicada por 20, no meu caso dando aulas de corpo, eu preciso tá atenta aos corpos das pessoas, se a pessoa está fazendo “correto”, se não vai se machucar com aquilo, que estado que ela tá naquele dia, ajudar assim, esse ator atriz a trabalhar com seu próprio corpo, então eu sinto que preciso tá em contato com meu próprio corpo, me sentir alimentada, descansada, muitas vezes eu chego um pouco antes, ou mesmo chegando na hora eu me deito pra eu ter um alongamento, um tempo de foco corporal antes de começar o trabalho, normalmente no final da aula não dá tempo de alongar de novo, então às vezes, eu consigo pegar uma bola, dessas de pilates, grande, então eu chego em casa, e tento me deitar um pouco pra ter um alongamento, relaxar, principalmente lombar e costas, que é o que mais força, que mais trabalha, que trabalho muito em pé, se locomovendo, então sempre que eu posso eu tento fazer um outro alongamento em casa. Cuidado do professor de práticas corporais, é o cuidado com o seu corpo, que é o descanso, a alimentação, bebida e com o horário que vai dar aula. Preocupação com seu corpo e a mente, e o estado que tu tá físico e mental, vai depender do tipo de aula, como vai preparar ela, e conduzir ela. Então planejamento de aula vai ser de acordo com o condicionamento corporal e mental e emocional, que tem naquele dia. Tem a questão do cuidado psicológico, que é super delicado, mais difícil, e que no fundo pra mim, é o grande desafio por que, como lidar com as dificuldade emocionais dos alunos, essa é a primeira coisa, que muito vem tristes, ou muito acelerados, ou muito agressivos, ou muito indiferentes, e como não tomar aquilo pessoalmente, que é muito difícil, assim como todas as pessoas, sempre quer ser aceito, deseja que tu possa propor alguma coisa, e aquilo vai render a partir da tua proposta, claro entendendo que diferentes grupos, vai render de forma diferente, mas a questão emocional do alunos têm um impacto direto naquilo que a gente programou e na tua condição psíquica e emocional daquele momento da tua vida, daquele dia, o exercício que tenho feito, tentar focar na maioria do grupo e não ficar presa nas pessoas que são as mais difíceis, que atacam, que discordam, porque muitas vezes a gente quer tanto agradar, quer tanto ser aceito, e aí “ai aquele que não te aceita, aquele que te agride, te enfrentam, que falam coisas agressivas”, e a

tendência é ficar naquele, a porque que não foi, porque não deu, que eu tinha no início, agora com mais tempo de trabalho, me trabalhando no sentido de vou indo, vou trabalhar onde flui, aonde vai, e tentar que essas pessoas individualmente eu possa tentar chegar perto e conversar, propor uma coisa diferente, sugerir que então a própria pessoa proponha algo, pra não criar esse embate, que é muito desgastante, que no momento que acabou a aula e tu vai pra casa e vai pensar na continuidade daquele trabalho, aí que estou vendo a importância de pensar o grupo como um todo e menos nas individualidades que estão descontentes, achar esse equilíbrio entre ouvir a crítica, até isso, o que tem por trás de uma agressão, entender o que aquilo pode ser produtivo pro trabalho, como um todo, pra mim, individualmente, claro, mas ao mesmo tempo não me deixar deprimir por aquilo ali, né, as vezes a gente organiza um projeto, uma aula aquilo acontece, a segunda talvez, e aquilo começa a esmorecer e no fundo, talvez seja isso as pessoas nem se interessa por aquele pensamento que ta trazendo ali, por aquele modo de fazer teatro, então, de que jeito eu posso ajustar. Muda de grupo pra grupo, semestre pra semestre, dependendo do que está acontecendo na conjuntura do país como um todo, na conjuntura da escola como um todo, as vezes tem um aluno que causa todo um desequilíbrio emocional e psíquico em todo o grupo, então psicologicamente eu sinto que é um momento de ter uma grande antena pra conseguir captar qual é o interesse, por onde estão as mentes que estão ali naquele momento que a gente ta trabalhando, por um lado captar aquilo e ao mesmo tempo não vá pegar meu coração, por que aí tem semestres, e vai chegando ao final do semestre e eu vou me sentindo muito triste, frustrada, um semestre que comecei com toda a pilha, com várias ideias, chega no fim to completamente não acreditando mais, e aí fica pesado o trabalho, e eu acredito que esse trabalho de professor de teatro, fazer teatro, é um trabalho de paixão e de prazer, e pra mim o prazer tem a ver com alegria, né, então pra mim é importante ter um prazer e uma alegria de vir pra sala de aula e quando começa essa coisa muito negativa, de muita resistência das pessoas, daquilo que proponho, em algumas ocasiões aquilo foi pegando o meu coração, e me entristecendo, agora o que venho achando que assim, é... ir amadurecendo, aqui dentro da universidade, justamente porque passa muita gente muito rápido, né, muda muito, em outras escolas é mais contínuo, tem mais tempo pra ir entendendo as pessoas, e as pessoas

entendendo as propostas que tu tem, e aqui na faculdade é muito curto o tempo, e é muito diverso o grupo, a mesma coisa na sala de aula, nas escolas, um grupo muito heterogêneo, então pra mim, a busca psicológica é de achar o meio termo onde eu possa navegar e manter a minha alegria, o meu amor, a minha paixão pelo meu trabalho, a minha crença, de que o teatro importa, de que o teatro é uma profissão, e que eu to ali pra ajudar as pessoas a tomarem esse conhecimento como uma profissão que é séria, que tem compromissos, que tem deveres, que tem regras, que tem uma disciplina, e que é um lugar às vezes, muito chato da gente trazer as pessoas pra esse lugar de disciplina. Desviei um pouco o assunto, mas é que nem na maternidade, tem um pouco de mãe, que tem que dar os limites, organizar as coisa, ter todo o amor e a compreensão de que o processo de cada pessoa está no seu, na sua etapa desse processo, na sua maturidade, na sua idade, maturidade psíquica, maturidade emocional, maturidade corporal, então o desafio do professor é ter a sintonia com o grupo, procurar a sintonia com as diferentes pessoas, entender, na medida do possível qual é a especificidade de cada pessoa, de modo amoroso, de modo consciente e sério, sério no sentido de que aquilo é uma profissão, que não ta ali só pra brincar, brincar tem que fazer parte, mas não é uma brincadeira, é uma brincadeira séria, e aí vai entendendo onde ta esse limite do teatro, onde a gente tem prazer, a gente brinca, a gente joga, mas ao mesmo tempo a gente tem horário pra começar, pra terminar, uma data pra estrear, então tem que ter esse sentido de chegar num resultado, não é bem isso, mas é de conquista. E preservar esse coração amoroso, mas ao mesmo tempo amor e ódio, entrar numa coisa de ódio também e de irritação, e levar pra casa, chegar em casa e detonar as pessoas que estão ao redor, conseguir também separar, que é difícil né, porque nossa profissão envolve nosso emocional, mas separar o seu afetivo ali no seu trabalho, e o afetivo em casa, com filho, namorado... Outro dia eu tive pensando que a gente pode fazer uma analogia com o trabalho do ator, o ator não vai pra cena se deprimir, não, a personagem pode ta lá deprimida, chorando, se suicidar, mas o ator não se suicida, andei pensando nisso, o professor também, ele vai lá, vai se envolver, vai ter toda paixão e a paciência, e também o rigor na aula, mas vai pra casa e ele é pessoa, plural, que ama que tem dificuldade, que quer se divertir também, que também chora, que tem família, e tem problemas e tem falta de dinheiro e todo o resto da função.

Professor Mesac Roberto Silveira Junior, do departamento de arte dramática:

Acho que, cuidar de mim, como é que eu cuido de mim enquanto docente de teatro, essa pergunta, ela é tão profunda pra mim, é difícil, nathi, eu separar o docente de teatro do ser humano, separar a vida do professor, da vida do Mesac, e... é difícil não, é impossível. E nessa impossibilidade que eu lido com a questão do cuidar de mim, Então eu podia colocar assim, tem uma tentação. Uma tentação que é assim, que é uma armadilha, pra que eu cuide de mim eu tenho que separar as duas coisas. Não consigo fazer isso, acho que é uma tentação que eu respondo: não, não quero. Eu quero cuidar de mim, e ao mesmo tempo não realizar essa ruptura. Então eu já parto, até de uma limitação minha. Se eu conseguisse fazer mais essa separação, talvez eu sentisse mais cuidador de mim mesmo em algumas situações que me defronto como professor. Como docente de teatro. Que envolve ser também, junto com tudo isso, ser criador, ser artista, eu não posso ser artista separado de ser Mesac. De ser essa coisa, esse ser, esse... vai pelo mundo chamado Mesac, como é que posso separar isso? Esse rótulo, que não deixa também de ser rótulo, como trabalhar com esse rótulo que já tá comigo com meu próprio nome, Mesac, o ser falando isso usando o pronome masculino, um rótulo que já me plantaram, já me colocaram, e eu aceitei, ou aceito parcialmente, e às vezes inteiramente, e às vezes parcialmente, transitável por aí. O que é ser esse Mesac? Esse ser humano que não consigo separar de ser docente. Tento cuidar de mim, talvez por aí, por esse caminho, tentando proteger de ser machucado, e aí passa por questões tão sensíveis, por que proteger sem ser machucado, às vezes envolve você se blindar e criar uma casca que não é isso que eu quero. Não é isso que eu consigo. Então o que seria esse cuidado de si em que poderia não ser esse proteger e criar uma casca, não é criar uma casca profissional, agora eu sou professor, então eu me protejo, vou me colocar de uma maneira um pouco distante e fria diante de algumas situações, pra mim não tem nenhum sentido, nenhum significado eu ter esse distanciamento, como me proteger sem criar casca? Como me proteger sem realizar essa cisão, entre ser professor e ser o Mesac? Como me proteger sem me envolver com questões de culpa? Ou, usar outras palavras que substituam a palavra culpa, como responsabilidade. Que

pode estar significando justamente culpa, mas estou usando só outra palavra. Como me proteger e ao mesmo tempo, sim, ser responsável, ser um profissional, ser um criador... Um artista, não naquele sentido de artista idealizado, mas de um artista que está aí criando coisas no mundo. Como todo mundo, que tá aí criando coisas no mundo, e lidando também com pessoas parecidas comigo, então ser professor de teatro é lidar também com quem está se defrontando com todas essas questões, normalmente pessoas muito criativas, uma tribo muito criativa, muito sensível, que sofreu e sofre dores e machucadoras pelo mundo, e às vezes desde criança, por vários motivos, especialmente pelo motivo de simplesmente de desejarem ser o que são. Esse já ser o que é e ir pelo mundo, realizando esses desejos, mais, menos, negociando na vida e coletivo. Enfim, proteger e cuidar de mim, cuidando a minha liberdade, e cuidando a liberdade. Mesmo que a liberdade, ela seja um ser sempre em fuga, seja fugidia, ela nunca é algo que você consegue, ela tá sempre no horizonte, você vai chegando e ela vai indo, mas esse caminho em direção à, essa busca da liberdade, talvez seja isso que eu tento proteger, esse meu desejo pela liberdade, ao cuidar desse desejo pela liberdade, talvez eu cuidar desse cuidar de mim. E esse cuidar da liberdade, eu devo dizer que, não é cuidar só da minha liberdade, é cuidar da liberdade em si, da minha, da sua, de quem tá perto de mim. Que entra na questão da diversidade, da diferença, cuidar da diferença, acho que tem muito a ver com a liberdade. Tem uma frase muito clássica sobre isso: "defender a minha liberdade é defender a liberdade que é diferente de mim". Que eu acho que não se confunde com o fato de ser permissivo, ou se fragilizar diante de quem quer te dominar, ao contrário exige também essa resistência, essa luta pra que você não seja dominado por quem queria acabar com a sua liberdade, ao contrário faz parte do mesmo pacote, essa luta pelo desejo da liberdade. E aí vai existir as negociações em relação a liberdade sua, a minha liberdade, eu to pegando na questão da liberdade, porque eu acho que é uma palavra que eu prezo muito, um sentimento que prezo muito, que tem tudo a ver com o meu cuidado de mim, quando eu cuido a liberdade, normalmente eu to cuidando de mim, quando deixo de cuidar a liberdade, eu to resvalando por caminhos que me sobrecarregam, tá aí uma boa palavra. Quando eu sinto que estou sobrecarregado, é um alarme que acende, assim que dizendo: tá com problema, é um alarme que acende aquela luzinha, quando sinto que to sobrecarregado. Normalmente quando estou

sobrecarregado o que está acontecendo, como faço parte de um grande grupo, e esse coletivo amplo são pessoas que lutam pela liberdade, também pode acontecer que nesse grupo, aconteça o que é normal, pessoas obviamente imperfeitas que podem não resistir à tentação de manipular, e quando a manipulação não consensual, até poderia dizer assim, quando ela existe, ela tende a sufocar a minha liberdade, em prol de alguma proposição de um outro grupo, de outras pessoas. E quando isso acontece, essa negociação, essa negociação é muito boa, a palavra negociação eu acho bem válida, quando é uma negociação boa, ela acontece de uma maneira consensual, agora quando ela não acontece, aí que eu chamo dessa manipulação ruim, negativa, não consensual; Tende a sufocar e a me sobrecarregar, e aí acende aquele alarme, aí é a hora de dizer, ó gente, de fato eu gosto muito de vocês, eu amo muito vocês, eu to junto nessa luta, mas nesse ponto não estou junto, nesse ponto to sozinho, vocês fazem o que quiserem e eu vou pra casa ler um livro, digamos, é só um exemplo. Essa ação eu não estou junto, até aqui eu vou, depois eu encontro vocês, daqui uma hora a gente se encontra. Eu não preciso romper completamente com o coletivo, simplesmente digo que naquela proposta eu não estou junto, e não que eu tenha certeza do meu caminho em direção a liberdade, justamente, são vários, cada um vai escolhendo e descobrindo os seus, tem mais a ver com descobrir, acho que o caminho é uma coisa que a gente vai desbravando junto. ‘Caminante, no hay camino, se hace camino al caminar’. É por aí que eu tento cuidar de mim, naquele momento que acende a luzinha, eu digo, ta bom, vou até aqui com vocês, daqui pra frente eu não vou com vocês, ‘ah mas essa luta é verdadeira, é...’. Sim, pode ser que é, mas nesse momento eu não me sinto em paz para estar. Então a gente se encontra lá na frente, é como faço quando to viajando de moto, ah vocês não querem visitar esse lugar, então eu vou por aqui, vocês vão por ali, a gente se encontra daqui dois dias, sem ressentimentos, tudo bem, sem problema. Eu acho que essa autonomia, auto-nomos, ela tem sido muito importante pro cuidado de mim, é um respeito à liberdade da outra pessoa, do grupo, é uma “exigência”, não precisa ficar bravo pra ser exigente, é uma exigência que respeite a minha liberdade também, aí apareceu a palavra respeito, uma palavra boa pra gente fazer uma duplinha com liberdade. Essa relação respeitosa, ela vale ali, acho uma parceria da palavra liberdade, no sentido do senso comum mesmo, respeitar não significa,

necessariamente, que eu assumo a posição do outro, respeitar no sentido do senso comum fui até aqui com você e depois, repetindo o que eu já disse, nos encontramos lá na frente, continuamos a caminhar juntos, não precisamos romper a nossa parceria, simplesmente nesse momento você vai pro lado, e eu vou para o outro, ou de repente usando a imagem ao contrário, você disse pra mim que você vai para o outro lado, e eu fico aqui, às vezes até sozinho, e eu não vou usar minha solidão como arma para querer te coagir a ficar, e é aí que eu entro na manipulação, a manipulação se dá, normalmente por motivos muito nobres, ela não se dá por motivos ruins, ninguém vai dizer que é por motivos ruins, aí ela se dá por motivos nobres, por motivos de justiça, de responsabilidade, respeito, até a palavra respeito usa aí, ela é usada até pra manipular. E acho que o meu entender, o respeito é se usar da tua autonomia e conceder essa autonomia ao outro, que inclusive não é nem você que concede, é a outra pessoa que requer pra ela essa autonomia. Não compete a mim, então o respeito não é necessariamente dar uma autorização, mas até se omitir no silêncio. Apareceu outra palavra que eu gosto, que se faz um companheiro das duas primeiras, a relação silenciosa. Onde o silêncio é uma maneira de respeito, você não precisa emitir opinião a respeito do respeito que a outra pessoa quer. Acho que o silêncio é importantíssimo. Não é dar autorização, se você dá autorização parece que você está se colocando em um lugar superior, não é se colocar em um lugar superior. Então, essa tem sido formas de cuidar de mim, liberdade, respeito, palavras assim, tão usadas, tão do senso comum, mas que eu tento ressignificá-las pra mim de uma maneira muito potente. E cada vez mais a relação do silêncio, a doxa, a opinião, ela tem sido utilizada para manipulação, então eu tento não utilizá-lo. Usar mais a minha quietude, isso faz com que tenha reflexo até na minha produção acadêmica. Não sinto que devo escrever certas coisas, não vou escrever. Mesmo que eu escreva pra mim, não público, porque eu prefiro ficar no meu silêncio. Simplesmente, porque eu prefiro ficar no meu silêncio, aqui. Quando eu sento num bar, numa padaria, eu posso conversar contigo, a gente troca ideias, ou dentro do ônibus. Ontem a gente tava fazendo um monte de coisa, tava voltando da escola, conversando dentro do ônibus sobre ser professor, sobre ser professor de teatro, como dá, como se dá, onde é que acontece ser professor de teatro ou não, que lugares, não é só na escola, fora da escola... E ali a gente conversou, trocou ideias, e ta bom, aqui a gente

ta conversando, mas o silêncio. Talvez o mundo ta mais necessitado de silêncio que opiniões. Essas opiniões muito rápidas, e nem as rápidas e nem as demoradas, não é porque elas seriam demoradas que ficaram melhores. Não é isso não, mais profundas, mais elaboradas, acho que não serve pensar assim também. No silêncio não é um lugar pra você aprofundar suas opiniões, pra você chegar com a carga mais pesada em cima de alguém que você queira manipular, que dá na mesma. Simplesmente, você vai elaborar o teu veneno. É isso, acho que o silêncio é uma coisa muito mais interna, uma quietude íntima, uma quietude até de pensamento. Engraçado como isso, de alguma maneira, fica perto de algumas proposições de sabedorias orientais, mas não é intencional, não é esse caminho que eu normalmente vou, acho que tem coisas belas, mas não é por aí. Não é necessariamente meditar, embora algumas pessoas poderiam dizer que eu sou um cara que medito muito, mas esse silêncio talvez seja, até uma não intenção até de meditar, é se acalmar, serenar, até na emissão de opinião. Vamos recapitular, como bom professor, desejo de liberdade, de respeito, acho que é muito importante, essa serenidade, esse silêncio, são palavras que estão se cruzando.

Professor Gilberto Icle:

Bom, primeiro a gente tinha que pensar o que é cuidado de si, e é um conceito meio difícil, o Foucault vai lembrar do cuidado de si em relação a grécia antiga, e dos primeiros séculos após Jesus cristo, e ele vai dizer que se trata um pouco de uma certa inquietude, eu não acho que a gente possa fazer uma espécie de salto de lá pra cá, ou uma aplicação daquilo que os gregos e os helenistas viviam como cuidado de si, porque nós passamos pelo cristianismo, passamos pela modernidade, isso nos constituiu de uma outra forma, então não tem como a gente falar de um cuidado de si hoje, o que a gente poderia pensar, é de que forma hoje nós pensamos essa inquietude, essa forma de se incomodar com algumas coisas, e de como essas coisas, e de como essa inquietude pode nos formar como sujeitos desse nosso tempo, então eu acho que é uma pergunta difícil de responder, não sei se tem uma resposta porque, no máximo nós poderíamos pensar uma espécie de inquietude que hoje seria possível, já que

um cuidado de si como na época dos gregos não seria possível, então essa inquietude sim, acho que o transcorrer da vida escolar, da vida acadêmica, a gente se depara com alguns momentos que nos forma nessa perspectiva, eu diria assim, talvez boa parte do tempo, a gente tá no cotidiano, vai fazendo sempre a mesma coisa, a gente tá assim ali naquela dimensão que nos carrega, mas quando a gente se inquieta com alguma coisa, de alguma forma a gente refaz esse cotidiano e a gente se refaz nesse cotidiano, e isso eu acho, é o que nos faz se manter vivos, eu acho que no caso, no meu caso mesmo na universidade, a universidade suga muito a gente, a gente tem muita tarefa burocrática, muito trabalho de gestão, coisas pras quais a gente não está necessariamente preparado, que a gente não gosta, mas que a gente tem que fazer, tem muita reunião, tem muito processo, tem muito relatório, tem muitas coisas dessa atividade, e tudo isso um pouco suga energia da gente, acho que às vezes a gente consegue se inquieta com alguma coisa, por exemplo lendo um texto que, depois de tantos anos, lendo e estudando, ainda consegue ter um momento de epifania, não é, ou vendo um espetáculo, ou fazendo uma viagem, ou fazendo um mergulho não é como eu fiz agora ficando vários meses na França, me dedicando assim ao estudo mesmo, a pesquisa, então eu acho que esses momentos que a gente se inquieta, que a gente se debate um pouco, eles são os momentos formativos, são os momentos que a gente se transforma, a gente se reforma no processo de docência... não sei se eu respondi.

Professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, do departamento de arte dramática:

Bom, sempre que eu penso na docência de teatro, eu acho que vou ser mais direta talvez, qualquer docência, tem uma relação muito básica, muito urgente, que aparentemente na formação, pode ser a última, mas pra mim acaba sendo, nessa resposta a primeira, que é a relação com o aluno. Relação com quem vai compartilhar o espaço da sala de aula comigo, e acho que a melhor forma, talvez, de exercitar esse cuidado, é com cuidado em relação ao outro, que tá sendo motivo da minha docência, no caso, o aluno. Então eu acho que é um cuidado que passa por uma relação, que não é de mão única, que é de mão dupla, e a partir do estabelecimento de uma relação, então assim eu acho que todos os

outros cuidados que decorrem nesse primeiro cuidado, eles são em função desse. É a ideia de um plano de ensino, a ideia da elaboração de um plano de ensino, que é assim, eu nem conhecer esses alunos, ela é algo mais formal, mais institucional que dá conta de um cabedal de conteúdos, que tem que circular na sala de aula. Agora, como que esses conteúdos vão ser colocados pra eles serem discutidos, para serem circulados na sala de aula, eles vão depender muito das demandas, dos sujeitos que a gente ta trabalhando, e aí começa sempre pelo conhecimento do outro, por um trabalho que tem que ser uma demanda do outro, que a sala de aula, que tudo que acontece dentro da sala de aula tem que ser uma demanda do outro, não sei se te respondo de uma forma muito genérica, mas é isso que me passa, depois me veio cuidados mais práticos, que possam parecer superficiais, mas por exemplo: eu tenho um cuidado muito grande, por exemplo, por pontualidade, difícil eu chego atrasada na aula, só se acontece alguma coisa. Meus alunos acabam dificilmente se atrasando na aula, a minha sala de aula, eu procuro chegar mais cedo e organizar o espaço desta sala de aula, para bem recebê-lo o aluno que vai trabalhar comigo, e no final da aula a gente costuma organizar a sala de aula para bem receber, de certo modo, quem vem atrás. Usar a própria questão da higiene, como que vai compartilhar o espaço e não deixar imundo ao final da aula. Deixar ele minimamente usado. Mas nós vamos jogar o papel no lixo, eu gosto de ter café na sala de aula, porque na minha sala de aula a gente compartilha coisas, eu acho que o ambiente, não digo festivo, mas um ambiente amável, com as melhores energias, e eu acho que o café convida, as vezes volta e meia alguém traz um lanche, alguém traz um bolo, então esse tipo de cuidado, é um cuidado de ordem mais prática, que possa parecer uma bobagem, mas pra mim faz toda diferença, porque naquele momento as pessoas se sentem compartilhando o espaço, então são pequenas atitudes, as vezes que podem parecer superficiais, e depois tem outras atitudes, que certamente não parecem artificiais, que é a avaliação, do jeito que eu costumo desenvolver a avaliação na sala de aula, que é uma avaliação também compartilhada, na medida que eu trabalho com formação de professores, e eles vão ter que, nesse decorrer dessa formação acadêmica, que não é uma formação total, mas é um início de uma formação. A gente tem que aprender, essa coisa quase impossível que é avaliar o outro, então fazer de uma forma compartilhada, acho que é uma outra forma

de cuidado de si. E aí tem os cuidados pessoais, acho que é tentar deixar 'a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo' como fazer isso? Acho que é ler bastante, procurar se informar do que circula, pra gente ter um nível de discussão apropriado, embora isso é impossível, porque é muita informação, então procurar se manter informado do que interessa na sala de aula. Cuidado corporal também, ir pra academia, pra dançar, um pouco de força, então faço musculação, não sei se isso interessa, mas acho isso fundamental pra mim, faço alongamento. Então eu procuro dosar essas três esferas ali da atividade física que é musculação, trabalho de força, de relaxamento, nem sempre consigo dar conta, e as vezes quando deixo a dor passar, eu tenho uma pessoa que faz uma massagem. Esses cuidados. Tem uma coisa que eu adoraria fazer que é não trabalhar nos finais de semana, e eu não consigo, porque como na minha atividade docente, a gente sempre acaba, na universidade, quando a gente tá orientando, a gente acaba sendo atropelado pelos prazos e muitas vezes a gente acaba tendo que usar o fim de semana pra trabalhar, e como professor? É muito difícil um professor não utilizar, não extrapolar um pouco o horário, que eu não acho muito saudável, mas volta e meia me pego, me pego bastante, então isso é um puxão de orelha que dou como cuidado de mim, talvez eu pudesse manejar. E ao acho que eu me referi ao hábito da leitura, desse hall de informações que a gente tem, e volta e meia na pesquisa a gente se dedica a uma coisa e outra, e essas leituras acabam sendo leituras mais direcionadas. E sobre o ponto de vista, que não seja só o hábito de leitura, mas é uma questão de apreciação artística, então tentar dar conta das manifestações artísticas que interessam pra gente, então, teatro, cinema, artes visuais, música. Acho que no momento eu to mais pra música e pro cinema, do que pro teatro nesse momento, e faz parte do meu cuidado de si certamente como docente, porque acho importante a gente ter, se instrumentalizar sobre as coisas que tão acontecendo, até pra gente conversar com os alunos da gente, até porque, é o meio que a gente vive.